

**Varandas do Vale do Paiva**  
**”Lembrar a história é compreender o presente e  
prever o futuro”**

**Bernardo Martins Bezerra Pinto Pereira**

Dissertação para obtenção do Grau de Mestre em  
**Arquitetura**  
(Mestrado integrado)

Orientador: Prof. Doutor Cláudia Sofia São Marcos Beato  
Co-orientador: Prof. Doutor Ana Paula Parreira Correia Rainha

**Setembro 2020**



Á minha família por serem um exemplo!



# Agradecimentos

Em primeiro lugar gostaria de agradecer á minha orientadora, Professora Doutora Cláudia Beato, e á minha coorientadora, Professora Doutora Ana Paula Rainha, porque mesmo um ano atípico não nos demoveu de terminar esta dissertação.

Aos demais Professores que me ajudaram neste percurso académico.

Ao Presidente da Câmara Municipal de Castro Daire, Paulo Almeida.

Aos meus queridos companheiros da Associação Desportiva de Castro Daire que me ensinaram a sonhar e a amar aquilo que temos por pouco que seja.

Aos irmãos, Hugo, Alex, Artur e o mais novo Hélio, que ganhei neste percurso académico que são um exemplo de superação, mesmo quando tudo parece estar contra nós mostramos sempre que conseguimos dar a volta por cima.

Aos meus amigos de coração e de longa data que sempre acreditaram em mim apesar das coisas nem sempre correrem pelo melhor.

À minha família por sempre me apoiarem durante toda a minha vida.

À Inês Rodrigues, não só pelos últimos 9 anos da minha vida, mas também por me ensinar que o amor é aceitarmos que entramos num processo de educação mútua, pelo apoio, ajuda, pelas horas mal dormidas mas sobretudo por me fazer crescer todos os dias.

Aos meus pais pelo carinho, amor, o apoio incondicional e fundamentalmente por serem um exemplo de vida, esforço, trabalho, união e dedicação.

Ao meu irmão pela pele que despe para me vestir, pelo apoio, conselhos, companheirismo.

E claro à minha Gininha que mais que todos era a que mais esperava este momento.



## **Resumo**

A presente dissertação tem como tema a revitalização do jardim municipal de Castro Daire, o principal objetivo é a apresentação de uma proposta de um espaço verde, que dignifique a vila e os seus moradores na perspetiva de proporcionar um espaço onde os moradores possam conviver e observar a natureza circundante de uma maneira que até agora não é possível, mas também se pretende atrair turismo à região. Por este espaço se encontrar atualmente estagnado no tempo, em elevado estado de degradação e acrescentando a isso o despovoamento que sofre o interior de Portugal e o consequente subdesenvolvimento, despontou a preocupação para com a região e para com o espaço.

Com esta proposta pretende-se manter a essência do local, contudo é necessário a criação de dinâmicas que possam contribuir para o desenvolvimento da malha urbana, a intenção é criar uma nova centralidade apelativa, com diferentes funcionalidades sendo diferenciados os espaços de estar, de lazer e sociais. Desta forma decidiu-se a projeção de duas torres ambas com função de miradouro sendo que a mais baixa tem na sua base um ponto de turismo e funciona como uma varanda 360º sobre o jardim, por outro lado a segunda torre, a mais elevada, apresenta na sua base um bar, no entanto esta torre, devido à sua altura, funciona como uma varanda sobre o vale do Paiva.

Com as alterações propostas foi possível criar um jardim onde a natureza prolifere de forma livre e possa ser contemplada, sem que nada disto afete a qualidade da vivência dos espaços por parte dos locais. Desta forma a ideia essencial é transmitir aos residentes e visitantes que a supremacia humana sobre a natureza não garante conforto, longevidade nem beleza.

## **Palavras-chave**

Jardim;Miradouro;Espaço Público;Revitalização;Desertificação



# **Abstract**

The theme of the following dissertation is the revitalization of the Castro Daire city council's Garden, the main objective is the proposal of a green space, which dignifies the village and its citizens in order to improve their quality of life, and to boost the tourism in the area. This space is, these days, stopped in time with a high level of degradation and adding to this, the depopulation that the midlands are suffering and the consequent underdevelopment has pointed interest towards this area and this garden in particular.

This proposal has the intent to keep the essence of the area, however it is necessary the creation of dynamics which may contribute to the development of the urban grid, the intention is to create a new and appealing approach with many functionalities and differentiated leisure and social centres. This way it has been decided the projection of two towers, both with viewpoints, furthermore the smallest tower has on the base a tourism point which works as a 360° balcony over the garden. On the other hand, the other tower, the highest, presents on the base a pub, however this tower, due to its height, works as a balcony over the Paiva valley.

With the proposed project it was possible to create a garden where the nature proliferates in a free way and it can be observed, without any loss in the citizens quality of life. By doing this, the main idea is to make passers-by understand that the human supremacy over nature does not grant confort, longevity or beauty.

## **Keywords**

Garden, Viewpoint, Public Spaces, Revitalization, Depopulation



# Índice

Capítulo 1 – Enquadramento do Tema .....	1
1.1 Descrição Geral.....	1
1.2 Problemática: desertificação do interior e o seu subdesenvolvimento .....	2
1.3 Metodologia .....	3
1.4 Justificação das opções .....	3
Capítulo 2- Perspetivas sobre o desenho urbano .....	5
2.1 Abordagem de Gordon Cullen e Kevin Lynch ao Desenho Urbano .....	5
2.1.1 Perspetiva de Gordon Cullen em “A Paisagem urbana”.....	5
2.1.2 Perspetiva de Kevin Lynch em “ <i>The image of the City</i> ” .....	7
2.2 Espaço Público.....	9
2.2.1 Manuela Magalhães “A arquitetura paisagista –morfologia e complexidade” .....	10
2.2.2 Tipologia dos espaços exteriores urbanos segundo a obra de Manuela Magalhães .....	11
2.2.3 Significado de Estrutura Ecológica do Sistema Urbano .....	13
Capítulo 3- Contextualização Geográfica e Histórica .....	15
3.1 Castro Daire – O concelho .....	15
3.1.1 – Serra do Montemuro .....	17
3.1.2 Rio Paiva.....	18
3.1.3 Bosques Mediterrânicos.....	19
3.2 Desde a pré-história á atualidade do Concelho.....	20
3.3 Património Cultural.....	23
3.4 Rede de Miradouros.....	24
Capítulo 4 – A Vila de Castro Daire.....	27
4.1 Morfologia Urbana da Vila.....	27
4.1.1 Edificado .....	27
4.1.2 Património edificado classificado .....	29
4.1.3 Equipamentos.....	31
4.2 Espaço Público.....	33
4.1.2 Rede de circulação viária e pedonal .....	34
4.2.2 Espaço público de utilização coletiva.....	34
4.3 Caso de Estudo: O Jardim Municipal de Castro Daire .....	36
4.3.1 Contextualização geográfica e histórica .....	36
4.3.2 Análise do local .....	37
4.4 Estado da arte: Casos de estudo .....	46
Capítulo 5 – Proposta.....	49
5.1 Descrição do local de intervenção .....	49
5.2 Conceitualidade da proposta .....	49
5.3 Definição e justificação do programa .....	50
5.4 Definição e justificação das estratégias .....	51
5.5 Distribuição do programa .....	57
6. Considerações Finais .....	61
Bibliografia .....	63
Anexos .....	66



# Lista de Figuras

Figura 1 – Esquema do elemento via (Lynch, 2009).	7
Figura 2 – Esquema do elemento Limite (Lynch, 2009).	7
Figura 3 – Esquema dos elementos Bairro (Lynch, 2009).	8
Figura 4 – Esquema do elemento Cruzamento (Lynch, 2009).	8
Figura 5 – Esquema dos Elementos Marcantes (Lynch, 2009).	8
Figura 6 – Esquema Espaço Fechado (Magalhães, 2001).	11
Figura 7 – Esquema Espaço Aberto (Magalhães, 2001).	11
Figura 8 – Esquema Espaço Ilimitado (Magalhães, 2001).	11
Figura 9 – Esquema Espaço Pontuado (Magalhães, 2001).	12
Figura 10 – Esquema Limite Fechado (Magalhães, 2001).	12
Figura 11 – Esquema Limite Aberto (Magalhães, 2001).	12
Figura 12 - Enquadramento Regional do concelho de Castro Daire (Crespi et al., 2015).	15
Figura 13 - Densidade populacional nas freguesias do concelho de Castro Daire (2011) (Crespi et al., 2015).	16
Figura 14 - Vista sobre os vales da Serra do Montemuro (“Net 3 ,” 2020).	17
Figura 15 - Vistas sobre o rio Paiva (“Net 4 ,” 2006).	18
Figura 16 – Áreas de delimitação do Sítio Serra do Montemuro (a Norte), do Sítio Rio Paiva (de Este a Oeste) e do Sítio Serra da Freita e Arada (a Sul) (“Net 5 ,” 2020)	19
Figura 17 – Bosques húmidos no Rio Paiva (“Net 7 ,” 2020; “Net 8 ,” 2020).	20
Figura 18 – Ponte Pedrinha (“Net 9 ,” 2020; “Net 10 ,” 2020).	21
Figura 19 – Ruína da muralha das Portas do Montemuro (“Net 12 ,” 2020).	23
Figura 20 – Evento “A Última Rota da Transumância” (“Net 13 ,” 2020).	24

Figura 21 – Mapa da rede de Miradouros do Concelho (“Net 14 ,” 2020).	24
Figura 22 - Vista do Miradouro de S. Lourenço (“Net 14 ,” 2020).	25
Figura 23- Vista dos Miradouros de Carreirinhos (esquerda), da Serra do Cimal (Centro) e de Castro Daire (direita) (“Net 14 ,” 2020).	26
Figura 24 - Vista dos Miradouros de S.ta Bárbara (esquerda), de Cetos (Centro) e da Serra do Montemuro (direita) (“Net 14 ,” 2020).	26
Figura 25 – Planta do Edificado (sem escala). (o autor)	28
Figura 26 – Igreja Matriz de Castro Daire. (o autor)	29
Figura 27 – Capela de S. Sebastião (“Net 16 ,” 2020).	30
Figura 28 – Capela das Carrancas (esquerda) e Casa da Cerca (imagem do centro e imagem da direita) (“Net 17 ,” 2018; “Net 18 ,” 2012).	31
Figura 29 – Esquema de sobreposição da vista aérea da vila e a rede dos Espaços Públicos. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)	33
Figura 30 – Fotografias Jardim Dr. Oliveira Salazar (esquerda e direita); Escadaria da capela das Carrancas (em baixo) (“Net 9 ,” 2020; Carvalho, 2017).	36
Figura 31 – Esquema do edificado envolvente ao local de intervenção. Serviços – assinalados a amarelo; Edifícios descaracterizadores – assinaladas a vermelho; Comércio/Habitação – assinalados a cor de laranja. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)	38
Figura 32 – Esquema de fluxos viários e pedonais na envolvente ao local de intervenção. Percursos Pedonais – assinalados a amarelo; Ruas de sentido único – assinaladas a vermelho contínuo; Ruas de dois sentidos – assinaladas a vermelho tracejado. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)	39
Figura 33 – Esquema de estacionamento viários públicos na envolvente do local de intervenção (assinalados a vermelho) e os respetivos acessos (assinalados a amarelo). (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)	40
Figura 34 – Mobiliário urbano existente, visivelmente degradado. (o autor)	41
Figura 35 – Instalações sanitárias. (o autor)	42

Figura 36 – Local do antigo quiosque, atual palco de madeira. (o autor)	42
Figura 37 – Elementos de destaque: Máquina a Vapor (Esquerda); Lago (Direita); Pelourinho (Em baixo) (o autor)	43
Figura 38 – Esquema das funcionalidades no atual jardim municipal. Parque infantil – assinalado a amarelo; Jardim – assinalado a vermelho; Praça de táxis – assinalado a cor de laranja; Instalações sanitárias – assinalado a azul. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)	44
Figura 39 – Esquema de exposição solar e ventos predominantes no local de intervenção. Sentido do sol – assinalado a amarelo; Ventos predominantes – assinalado a azul. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)	45
Figura 40 – Metropol Parasol “Net 22 ,” 2020).	46
Figura 41 – Vários ângulos sobre a Jubergtower (Jodidio, 2015).	47
Figura 42 – Vista dos vários níveis programáticos: Praça de Lisboa (“Net 24 ,” 2020).	48
Figura 43 – Organograma de funções propostas (o autor).	52
Figura 44 – Esquiço de estudo da vegetação/função espacial. (o autor)	54
Figura 45 – Esquiço de estudo da vegetação arbórea (o autor).	55
Figura 46 – Esquiço de estudo da vegetação arbustiva e herbácea (o autor).	56
Figura 47 – Esquiço de análise de percursos pedonais predominantes (1,2 e 3) e do trânsito viário envolvente (o autor).	57
Figura 48 – Esquiço de análise das comunicações entre as funções propostas. (o autor)	58



# **Lista de Tabelas**

Tabela 1 – Listagem de equipamentos presentes na vila de Castro Daire



# Lista de Acrónimos

INE	Instituto Nacional de Estatística
Dr	Doutor
N2	Nacional número 2
A24	Autoestrada número 24
Av	Avenida
Btt	Bicicletas todo o terreno
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, A Ciências e a Cultura



# Capítulo 1 – Enquadramento do Tema

## 1.1 Descrição Geral

A presente dissertação tem como objetivo um estudo, tendo presente a cultura e as especificidades, que visa a recuperação de um espaço público, na vila de Castro Daire, espaço este que é a morada do Jardim Municipal desta localidade. Este local, desde cedo teve grande importância para os habitantes desta vila, pois é onde são celebradas algumas das tradições religiosas locais. Servia também para o encontro de várias gerações onde se partilhavam histórias e conhecimentos, onde os mais velhos podiam repousar e as gerações mais novas brincavam ao ar livre. Devido à desertificação que se tem feito sentir na região e à deterioração do espaço, é cada vez mais notório o abandono deste lugar que outrora tanta importância teve. Sendo um espaço central e estando ele à mercê da utilização diária dos moradores e sendo o seu desgaste preocupante, torna-se necessário intervir. Para Carita (1998):

“Imagem de um Paraíso perdido ou prometido – necessidade profunda duma ordem outra de Natureza – o jardim revela-se como um universo protegido das contingências naturais dos diferentes climas e geografias. Por de trás da aparência de prestígio de um simples espaço de recreio ou de representação social, o jardim encerra em si uma necessidade profunda de toda a alma humana em criar na Terra um paraíso.” (Cardoso, Cardoso, & Carita, 1998) (pp.17)

Hélder Carita, de uma forma algo romântica, realça desta forma, a importância dos jardins naquilo que representam no quotidiano do ser humano, e a ambiguidade do seu significado para os demais. É perceptível a importância que um jardim tem na forma como as pessoas vivem o seu dia-a-dia e como o procuram como forma de escape no meio de uma vida tão agitada como é aquela em que somos obrigados a viver nos dias de hoje.

## **1.2 Problemática: desertificação do interior e o seu subdesenvolvimento**

A desertificação do interior é um problema já com alguns anos, era preocupação política na década de 70 e com o passar do tempo agravam-se os efeitos.

“... se deixarmos as coisas entregues ao destino, arriscamo-nos a ver despovoadas totalmente províncias inteiras...” (“Net 1|,” 1971)

Marcelo Caetano previu aquilo que hoje é uma normalidade, de ano para ano aumentam o número de aldeias deixadas ao abandono, os jovens deixam as suas terras para os grandes centros à procura de formação e oportunidades, pois acreditam que não existem condições de crescimento e estabilidade financeira para permanecerem no interior, culminando num estado avançado do envelhecimento da população. Apesar de algumas tentativas de inversão deste fenómeno, foram construídas autoestradas, criados alguns incentivos económicos para empresas e até incentivos à natalidade.

“... Uma coisa é o emprego que lá fica, outra coisa é o emprego que é necessário para atrair jovens...” (“Net2|,” 2018)

Com fábricas constantemente a ser implantadas junto dos grandes centros produzindo mais do que os produtores locais, o trabalho do campo foi começando a escassear e a agricultura passa apenas a ser um autossustento e não um trabalho como forma de rendimento monetário. Uma centralização do investimento no litoral levou a um país com duas faces.

“... abandonamos até aquilo que vai sendo infraestruturado, as pessoas saem do interior e caminham para o litoral, tornando a vida insuportável no litoral e isto dentro de 30 a 40 anos, se nada for feito tendencialmente vai se tornar numa reserva natural bonita, mas sem pessoas.” (“Net2|,” 2018)

A desertificação do interior é um problema muito maior do que aquilo que aparenta, provocando a sobrelotação no litoral. Perdendo habitantes, perde-se cada vez mais a capacidade de desenvolvimento entrando num ciclo vertiginoso onde o investimento na qualidade de vida decresce de forma abrupta e investe-se fortemente nas “ligações”, que mais servem de porta de saída do que de regresso.

### **1.3 Metodologia**

Para a elaboração desta dissertação, a metodologia divide-se nas seguintes formas: a primeira mais dedicada à recolha de informação por diversas formas, quer a recolha bibliográfica quer a recolha *in loco*, a segunda prende-se ao desenvolvimento teórico e prático da proposta.

O primeiro módulo, o teórico, subdivide-se em 6 capítulos, no primeiro capítulo é abordado o enquadramento do tema tentando de uma forma sucinta, explicar a problemática que me levou à escolha do tema. No terceiro capítulo estuda-se a história do concelho de Castro Daire, pretendendo dar a conhecer o concelho onde se insere o local a intervir, abordando o desenvolvimento territorial e demográfico. Segue-se o quarto capítulo que pretende dar a conhecer de forma mais pormenorizada a vila e o local a intervir, o seu enquadramento geográfico, uma análise do espaço e carências infraestruturais da localidade.

O quinto capítulo trata a memória descritiva da proposta justificando as opções tomadas na mesma e por último no sexto capítulo são referidas as considerações finais da elaboração desta dissertação

Já no segundo módulo, o prático, é onde se apresenta a proposta para o caso de estudo, com toda a sua evolução conceptual e programática, concluindo com os desenhos técnicos e a maquetização da proposta.

Cabe referir que se pretendia proceder a entrevistas para aferir a perceção do local, por parte da população e assim elaborar mapas mentais, bem como a elementos chave que poderiam fornecer informação pertinente para o entender e fundamentar a proposta, nomeadamente a elementos da Câmara Municipal mas que estas ficaram inviabilizadas face às restrições impostas pela situação pandémica vivida durante o período de elaboração deste trabalho.

### **1.4 Justificação das opções**

Tendo em conta a minha ligação à localidade, sítio de onde sou natural, é com alguma proximidade também que vivo a desertificação do interior do país, grande parte sai dos seus meios por obrigação na procura de uma vida com melhores condições, outros saem por vontade própria por não sentirem que ali pertencem ou simplesmente por não se identificarem com um estilo de vida muito diferente dos grandes centros urbanos do nosso país. Tornou-se assim importante para mim, como descendente daquela terra, contribuir para o seu desenvolvimento, permitindo à população que tenha um contacto mais próximo com a sua cultura, fazendo-o num local apelativo e dinâmico, mas também impulsionando o turismo cultural e o turismo de natureza da região.

O caso de estudo onde se desenvolve a intervenção é o jardim municipal de Castro Daire, pela presença próxima e quase diária desde tenra idade, tendo o “privilégio” de acompanhar a evolução do seu estado de degradação.

A proposta desponta de uma necessidade do local e dos munícipes, o seu estado deficiente de conservação o que não permite um usufruto do espaço com qualidade e com segurança. Tratando-se de um espaço público com carácter de lazer e a sua relação com a envolvente, definem-no como um ponto de encontro, de divertimento e descanso. Apesar de ser de elevado

interesse público, devido à relevância na vida dos munícipes e à sua posição central, o Jardim não se apresenta como um fator que contribua para a melhoria da qualidade de vida dos habitantes, uma vez que o seu estado de degradação é cada vez mais preocupante o que leva ao seu abandono. Aliando tudo isto ao pouco investimento cultural na localidade e à falta do investimento turístico, torna-se praticamente impossível contrariar o despovoamento da região, tornando-se nos principais fatores do subdesenvolvimento geral que existe, e que leva a que uma proposta de intervenção neste local, que outrora já foi tão importante e que tantas memórias deixou nas suas gentes se torne de extrema importância.

# **Capítulo 2- Perspetivas sobre o desenho urbano**

Com o intuito de compreender o conceito de desenho urbano e dos elementos que o compõe e organizam, pretende-se abordar primeiramente os pressupostos teóricos de dois autores e de algumas das suas obras mais importantes que abordam o conceito, sendo eles: Gordon Cullen com a obra “Paisagem Urbana”, Kevin Lynch com a obra “A imagem da cidade”.

Contudo para uma compreensão da proposta pretendida para o local, é necessário não só compreender a distribuição do seu aglomerado e como ele se caracteriza, como também entender o conceito de espaços urbanos de utilização coletiva, como elemento que compõe a estrutura do desenho urbano. Desse modo pretende-se abordar numa segunda análise os pressupostos teóricos de alguns autores anteriormente referidos e também da Arquiteta paisagista Manuela Magalhães com a obra “A Arquitetura Paisagista – Morfologia e Complexidade”.

## **2.1 Abordagem de Gordon Cullen e Kevin Lynch ao Desenho Urbano**

### **2.1.1 Perspetiva de Gordon Cullen em “A Paisagem urbana”**

Gordon Cullen foi um reconhecido arquiteto e urbanista britânico, e considerado como um importante impulsionador do conceito da paisagem urbana, este é formulado pelo próprio na revista “*Architectural Review*” que veio a conceber o formato de livro no ano de 1961 (Cullen, 2006).

A obra “The Concise Townscape” é uma das mais importantes propostas de análise do espaço urbano, por influenciar ao longo dos tempos arquitetos, urbanistas e os demais envolvidos numa estratégia de desenvolvimento de cidades (Cullen, 2006). O autor acredita que a cidade deve ser projetada no âmbito de impactar emocionalmente o cidadão e/ou o transeunte.

Cullen, tal como pretende demonstrar no livro, defende que uma construção isolada define-se como uma obra de arquitetura, mas que quando vários edifícios se conjugam e coexistem eles são potenciadores de gerar dinâmicas ao ponto de considerar o seu planeamento como uma arte diferente. O autor refere-se à “arte do relacionamento” como uma arte a par da arte arquitetónica, não descurando toda a equipa multidisciplinar afeta ao planeamento de uma cidade, mas sobretudo pela arte de relacionar edifícios e pelas suas quezílias que esse relacionamento implica (Cullen, 2006).

Reconhece ainda que a perceção visual é a base de qualquer observação, pois ela é capaz de fazer recuar na memória em busca de experiências emocionais anteriores, deste modo o autor define três campos de reflexão sobre a paisagem urbana sendo eles: ótica, local e conteúdo (Cullen, 2006):

**Ótica** – o autor faz a analogia deste elemento com um percurso, na medida em que quando um transeunte o percorre, vai reproduzindo imagens por onde vai passando, como refere Cullen “por outras palavras, embora o transeunte possa atravessar a cidade a passo uniforme, a paisagem urbana surge na maioria das vezes como uma sucessão de surpresas ou revelações súbitas. É o que se entende por visão serial.” (Cullen, 2006).

**Local** – Neste elemento o autor considera como a reação de um transeunte relativamente á sua posição no espaço, o despertar do sentido de localização de cada um. Cullen refere a facilidade de entendimento pela analogia do simples ato de uma pessoa entrar numa sala, as reações de qualquer pessoa passam pelo reconhecimento que se encontra fora dela, “Estou cá fora”, a decisão de entrar nela “Estou a entrar ali dentro” e finalmente quando reconhece e se conclui a entrada no espaço “Estou aqui dentro” (Cullen, 2006).

**Conteúdo** – Neste último elemento o autor associa-o a tudo aquilo que individualiza e caracteriza cada lugar e o distingue de outros, isto é, tudo aquilo que se relaciona com a constituição da cidade, como o próprio refere, “a cor, textura, escala, o seu estilo, a sua natureza, a sua personalidade e tudo que o individualiza.” (Cullen, 2006).

Em suma a ótica está relacionada a uma sequência de imagens retidas pelo transeunte, baseando-se numa ideia de percurso que este atravessa onde as imagens vão-se sucedendo e ao mesmo tempo despertando emoções a quem as vê, aquilo que o autor designa de visão serial (Cullen, 2006). Esse percurso associado a uma serie de imagens emotivas ao observador, leva a que este tenha a noção de reconhecimento do local onde se encontra, fisicamente e psicologicamente, contudo a perceção visual não deve ser entendida como um retrato postal, mas como uma forma de relacionamento entre o transeunte e a paisagem urbana. O que leva ao terceiro ponto que o autor refere como conteúdo, que prende-se essencialmente com identidade de cada local, pelas características que possuem e aquelas que se foram sobrepondo ao longo dos anos, quando o autor se refere a “isto e aquilo”, ele refere-se a diferentes identidades presentes e coexistentes (Cullen, 2006).

### 2.1.2 Perspetiva de Kevin Lynch em “*The image of the City*”

Kevin Lynch foi urbanista e escritor, associa-se ao urbanismo através de uma das suas mais importantes obras “*The image of the City*”, ela contribui para a perceção e entendimento da imagem retida pelos habitantes de uma cidade e definindo esse contributo como principal parâmetro no desenvolvimento do conceito de desenho urbano, onde a memória visual é uma peça fulcral para esse entendimento (Lynch, 2009).

Nesta obra, o autor classifica a paisagem urbana como, “para além de outras coisas, algo que deve ser apreciado, lembrado e contemplado” (Lynch, 2009)(pp.9), considera ainda que a conceção visual de uma cidade “é um problema espacial de *design*, um problema também recente” (Lynch, 2009) (pp.9). Lynch estabelece uma diferenciação entre a imagem procurada pelo arquiteto e a imagem que é perpetuada pelas pessoas que a utilizam, ou que simplesmente nela vagueiam. Contudo sendo a cidade uma construção no espaço cada cidadão é livre, não só de a utilizar, como de criar a sua imagem em relação á mesma através da memória, das imagens que se tem dos espaços, pontos marcantes, entre muitas outras formas de se padronizar e ter um conhecimento sobre a cidade (Lynch, 2009).

Desse modo o autor nesta obra propõe um conjunto de conceitos a partir dos quais nos permite desenvolver uma análise morfológica de territórios urbanos. Os elementos da imagem urbana definidos por Kevin Lynch podem ser classificados em cinco tipos de elementos: vias, limites, bairros, cruzamentos e elementos marcantes.

Quanto à sua definição e a perceção sobre os mesmos, podem-se classificar da seguinte forma:

**Vias** – são os ductos por onde o observador se desloca, podem ser caminhos, calçadas, ruas, estradas, caminhos-de-ferro, canais. Um dos elementos mais influenciadores na organização do todo que é a cidade (Lynch, 2009). Funciona como o sistema de vasos sanguíneos do corpo humano, estratificado não só pelo grau de importância de cada via, mas também pela função que desempenham no tecido urbano, entendido assim como um elemento que pode ligar um ponto a outro (Ver figura 1).



Figura 1 – Esquema do elemento via (Lynch, 2009).

**Limites** – são usualmente elementos lineares que não são considerados como ruas, contudo não se torna numa regra, podem ser considerados também como as fronteiras entre espaços de diferentes espécies. Funcionam como os limites em torno de um determinado lugar (Lynch, 2009) (Ver figura 2).



Figura 2 – Esquema do elemento Limite (Lynch, 2009).

**Bairros** – são áreas urbanas de relativa dimensão, com aspetos comuns dentro da mesma, estes podem ser organizados para o seu interior, contudo podem servir como ponto de referência para um observador ou transeunte (Lynch, 2009) (Ver figura 3).



Figura 3 – Esquema dos elementos Bairro (Lynch, 2009).

**Cruzamentos** – são pontos estratégicos de uma cidade. No sentido de leitura do desenho urbano podem ser considerados como nós, pontos onde um transeunte pode entrar e de onde e para onde este se desloca. Normalmente considerado como entrecruzar/convergir de vias, podendo ser associado a mudança de direção ou a uma mudança de estrutura de via. Este elemento encontra-se relacionado com o elemento das vias, uma vez que na sua generalidade é composto pela convergência destas, porém se a escala de leitura aumentar, a área central de um bairro também poderá ser considerada como um cruzamento, mas se a escala for a nível nacional então a cidade, poderá ser considerada como um nó (Lynch, 2009). (Ver figura 4).



Figura 4 – Esquema do elemento Cruzamento (Lynch, 2009).

**Elementos marcantes** – são, como o próprio nome indica, elementos que marcam a visão do observador, uma vez que na essência do uso destes elementos implica o isolamento de algo e de uma série de fatores, o ponto-chave destes elementos é a originalidade, algo que pode perdurar na memória perante o contexto onde se insere. Estes podem variar de tamanho, contudo o autor refere que funcionam como elementos marcantes podendo ser considerados como pontos indicadores do caminho a percorrer (Lynch, 2009). (Ver figura 5).



Figura 5 – Esquema dos Elementos Marcantes (Lynch, 2009).

Embora consigamos identificar estes elementos na cidade, esta encontra-se em constante mutação, pelo que não a deveremos considerar como um objeto totalmente percebido e compreendido. Além disso o autor considera que o ser humano é capaz de conceber e modificar a paisagem urbana de uma cidade através da sua interação direta, considerando-o como um elemento criador que contribui constantemente para a mutação dessa paisagem (Lynch, 2009). Kevin Lynch tem como pressuposto desta obra a análise da qualidade da paisagem urbana, de três cidades dos Estados Unidos da América, tendo por base as imagens mentais concebidas pelos transeuntes sobre as mesmas, a isto o autor classifica de “*imaginabilidade*”, as características dos objetos podem provocar uma forte imagem mental a um dado observador. O autor defende ainda que a forma, disposição e as cores são as características que simplificam a criação das imagens mentais que poderosamente estruturadas, podem ser designadas como “*Legibilidade*” que é a forma de como conhecemos uma cidade (Lynch, 2009).

O facto de numa cidade haver a necessidade de nos movimentarmos de um lugar para outro faz com que esta “*Legibilidade*” seja um fator crucial quando a transitamos, uma vez que quanto mais legível for a cidade mais facilidade temos em nos localizarmos num determinado espaço da mesma (Lynch, 2009).

Em suma, na obra “*The image of the City*” o autor pretende demonstrar que o fator da “*Legibilidade*” é intrínseco à criação da paisagem urbana, quando a combinação dos seus elementos é intensa e íntegra, é capaz, através do desenho urbano de produzir uma imagem sólida e legível de todo o seu edificado (Lynch, 2009).

## **2.2 Espaço Público**

A preocupação com o espaço público ganha expressão após a revolução industrial e às consequências desta no território, sobretudo nas cidades, e na qualidade de vida das populações. Os inúmeros postos de trabalho que veio criar tiraram as pessoas dos campos projetando-as para os grandes centros industriais. A sobrelotação das cidades, pelo menos aquelas que tinham a indústria como uma base na sua economia, é uma das consequências mais dramáticas de todo este processo, já que conduziu a um crescimento desmedido e irrefletido das cidades, prejudicando as condições de salubridade das mesmas, com um crescimento exponencial dos edifícios de habitação e uma consequente desvalorização do espaço público (Magalhães, 2001).

Existem alguns modelos utópicos, que procuraram solucionar a realidade imposta pela revolução, acrescentando a esta revolução as devastações em todo o globo das duas Grandes Guerras, foi necessário desenvolver enormes intervenções planeadas na paisagem por forma a erguer aquilo que se havia destruído. Múltiplos foram os autores que definiram o conceito de paisagem, contudo o conceito de estrutura urbana começa a surgir após estes eventos, e é algo que pode influenciar a construção de um lugar (Magalhães, 2001).

Os espaços públicos podem ser entendidos como espaços exteriores urbanos, pois são considerados muitas vezes como espaços de lazer. As suas tipologias são diversificadas fazendo-se distinguir umas das outras, muito pela imagem que é recebida pelo transeunte e pela relação que cria posteriormente com esse mesmo espaço (Magalhães, 2001)

Tanto Gordon Cullen como Kevin Lynch abordam as questões tipológicas destes espaços, definindo conceitos que levam à caracterização dos mesmos através dos seus traços físicos. Naquilo que diz respeito à funcionalidade dos espaços públicos, o desenho urbano destes pode funcionar como catalisador para a envolvente mais próxima, contudo em casos mais específicos pode catalisar uma área mais abrangente de uma cidade (Cullen, 2006; Lynch, 2009). Pode-se entender assim que os espaços públicos são caracterizados por serem espaços de lazer e fruição e estes podem ser potencializadores de atividades e interação entre os transeuntes. No entanto pretende-se abordar a obra “A Arquitetura Paisagista – Morfologia e Complexidade” da Arquiteta Paisagista Manuela Magalhães, por forma a perceber alguns conceitos sobre espaços públicos conexos à proposta de revitalização do Jardim.

### **2.2.1 Manuela Magalhães “A arquitetura paisagista – morfologia e complexidade”**

A arquiteta paisagista, na sua obra, define que uma estrutura “é um sistema de transformações que comporta leis enquanto sistema” (Magalhães, 2001), refere ainda que esta enriquece-se ou conserva-se na medida em que as suas transformações se dão, isto sem que extravasem os seus limites (Magalhães, 2001).

A autora defende que a estrutura compreende três conceitos, sendo eles: Totalidade, Transformação e Autorregulação. Definindo-os da seguinte forma:

**Totalidade** – “A estrutura é formada por elementos, mas estes são subordinados à lei que caracterizam o sistema como tal.” (Magalhães, 2001) (pp.323) – A autora refere ainda que as leis não são apenas uma forma de aglomeração dos elementos, mas da forma como eles se ligam, sendo que estas conferem propriedades distintas dos elementos (Magalhães, 2001).

**Transformação** – “Uma estrutura fraca utiliza elementos mais simples e as estruturas fortes são obtidas com elementos mais complexos.” (Magalhães, 2001) (pp.324).

**Autorregulação** – “tem por objetivo a conservação da estrutura, o que implica um certo encerramento da mesma.” (Magalhães, 2001) (pp.323) – A autora acrescenta que as transformações da estrutura apenas se podem realizar dentro dos seus limites pelo que resulta na origem de elementos que pertencem à estrutura e obedecem às suas leis (Magalhães, 2001).

Em suma estes três conceitos comportam-se como as partes de um todo, que se complementam e corelacionam. Existem múltiplas reflexões sobre o conceito de estrutura, contudo a estrutura ecológica caracteriza-se principalmente pela integração da cidade com o meio que a envolve, ou seja, a cidade tem que respeitar o lugar natural onde se insere (Magalhães, 2001).

## 2.2.2 Tipologia dos espaços exteriores urbanos segundo a obra de Manuela Magalhães

Na obra “A Arquitetura Paisagista – Morfologia e Complexidade” a autora refere a existência de diferentes tipologias de espaços exteriores urbanos e que estes são determinados segundo aspetos ecológicos e culturais. Subdividindo assim as subcategorias dos espaços em espaços fechados, espaços abertos, espaços ilimitados espaços pontuados e espaços compartimentados. Com base na obra em análise podem-se classificar da seguinte forma:

**Espaço Fechado** – Caracteriza-se por ser um espaço onde o uso de aglomerados de vegetação faz com que o espaço se encerre, independentemente do tamanho e altura das copas (Magalhães, 2001)(Ver figura 6).



Figura 6 – Esquema Espaço Fechado (Magalhães, 2001).

**Espaço Aberto** – Caracteriza-se por ser um espaço desprovido de vegetação arbórea ou com um espaço amplo com vegetação rasteira onde os transeuntes possam praticar atividades (Magalhães, 2001). (Ver figura 7).



Figura 7 – Esquema Espaço Aberto (Magalhães, 2001).

**Espaço Ilimitado** – Caracteriza-se por ser um espaço amplo, independentemente da sua inclinação, um espaço sem obstáculos com uma grande amplitude de visão do céu (Magalhães, 2001). (Ver figura 8).

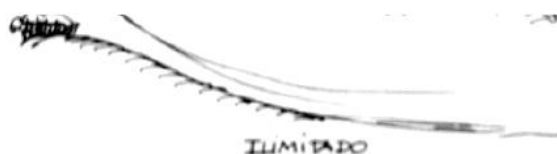


Figura 8 – Esquema Espaço Ilimitado (Magalhães, 2001).

**Espaço Pontuado** – Caracteriza-se por ser um espaço aberto com uma disposição pontuada da vegetação (Magalhães, 2001) (Ver figura 9).



Figura 9 – Esquema Espaço Pontuado (Magalhães, 2001).

**Espaço Compartimentado** – Caracteriza-se por ser um espaço composto por vegetação, muros e outro tipo de limites, que criem diferentes zonas (Magalhães, 2001).

Todos os espaços referidos anteriormente são definidos por limites que os regulam podendo contribuir para a sua ocupação mais consciente. Segundo a autora podem-se classificar da seguinte forma: limites fechados, limites permeáveis, limites abertos e limites abertos contidos (Magalhães, 2001). Quanto à definição dos mesmos podem-se definir como:

**Limite fechado** - Caracteriza-se por limitar fisicamente e visualmente um determinado espaço, podendo ser definido por árvores ou elementos construídos (Magalhães, 2001) (Ver figura 10).



Figura 10 – Esquema Limite Fechado (Magalhães, 2001).

**Limite permeável** - Caracteriza-se por ser um limite com algumas entradas, elas podem ser de diversos tamanhos, conforme a permeabilidade desejada (Magalhães, 2001).

**Limite aberto** - Caracteriza-se por ser um limite quase impercetível. Normalmente com diferenças na altura dos pavimentos ou meramente sinalizado (Magalhães, 2001)(Ver figura 11).



Figura 11 – Esquema Limite Aberto (Magalhães, 2001).

**Limite aberto contido** - Caracteriza-se por ser um limite de baixo porte tendo como objetivo principal o bloqueio ao acesso físico embora não impeça o acesso visual (Magalhães, 2001).

### **2.2.3 Significado de Estrutura Ecológica do Sistema Urbano**

A estrutura ecológica é um dos conceitos do uso do solo que se insere dentro do perímetro urbano, seja uma cidade, vila ou aldeia (Magalhães, 2001).

O perímetro urbano subentende-se assim que é o conjunto de espaços urbanos que sejam direcionados para a edificação ou urbanização. Dentro dele existem vários tipos de classificação do uso do solo sendo que se classificam em espaços urbanizados, os espaços de urbanização programada e a estrutura ecológica do sistema urbano. As classificações tal como as suas especificações constam nos documentos municipais como o Plano Diretor Municipal ou o Plano Pormenor, entre outros (Magalhães, 2001).

A estrutura ecológica classifica-se assim como o conjunto de áreas sensíveis de caráter ambiental, que tem como objetivos principais o equilíbrio ecológico, a proteção, conservação e valorização ambiental, paisagística e do património natural (Magalhães, 2001). Tal como todas as outras categorias de classificação dos espaços urbanos, esta também apresenta medidas projetuais específicas, mais concretamente na preservação dos solos, da água, da vegetação, (se esta for de grande porte e se se encontrar em bom estado sanitário), melhoramento da circulação das massas de ar, entre outras medidas que visam o melhoramento urbanístico com o intuito de oferecer aos cidadãos espaços de qualidade (Magalhães, 2001).



# Capítulo 3- Contextualização Geográfica e Histórica

## 3.1 Castro Daire – O concelho

O concelho de Castro Daire localiza-se na região centro, pertencendo à sub-região Dão-Lafões. É constituído por 16 freguesias, tendo a Vila de Castro Daire como sede de concelho. Ocupa uma área de 379 Km<sup>2</sup> (Crespi et al., 2015) e apresenta como fronteiras: a norte, os municípios de Cinfães, Resende Lamego e Tarouca, a oeste os municípios de Arouca e São Pedro do Sul, a este Vila Nova de Paiva e Moimenta da Beira e a Sul, Viseu (Ver figura 12). A parte norte do seu território é principalmente dominada pela presença da Serra do Montemuro que se eleva até aos 1381 metros de altitude (Crespi et al., 2015), o que lhe confere uma morfologia bastante acidentada. Já a parte oriental é marcada por extensas áreas planálticas cobertas por imensos cursos de água que a atravessam, principalmente pelo Rio Paiva e seus afluentes (Crespi et al., 2015).

A sua posição geográfica coloca este concelho fora dos principais eixos de desenvolvimento económico, no entanto as infraestruturas rodoviárias implementadas, a autoestrada número 24 e a nacional número 2, permitiram melhorar as acessibilidades uma vez que possibilitaram promover maiores interações com os territórios envolventes.

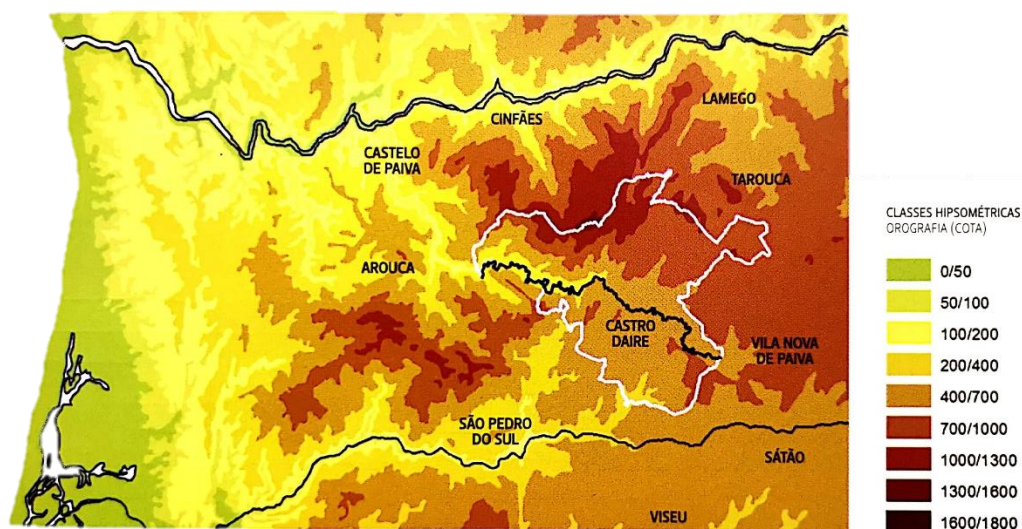


Figura 12 - Enquadramento Regional do concelho de Castro Daire (Crespi et al., 2015).

Em termos populacionais, e tal como a generalidade dos concelhos do interior de Portugal, Castro Daire é caracterizado por um baixo valor de população residente, tendo a freguesia um total de 4674 habitantes e o concelho 15339 (“INE - Censos 2011 Resultados Definitivos,”), o que representa uma queda de 9% relativamente a 2001. No entanto este decréscimo não é uma novidade uma vez que a população no referido concelho tem vindo a diminuir desde a década 50

do século XX, o que contrasta com o crescimento nacional observado até ao início do século XXI (Crespi *et al.*, 2015).

A densidade populacional (40 hab/Km<sup>2</sup>) é mais um fator que confirma esta realidade uma vez que representa menos de metade ao correspondente ao território nacional. No entanto se observarmos a distribuição da densidade populacional das distintas freguesias, é identificável um comportamento bastante típico dos municípios montanhosos do interior, uma vez que existe uma concentração da população na sede de concelho (143 hab/Km<sup>2</sup>) e uma desertificação do restante território (Ver figura 13), sendo os valores mais baixos registados nas freguesias localizadas nas áreas mais montanhosas e afastadas do centro – Almofala 12 hab/Km<sup>2</sup>; Cabril 18 hab/ Km<sup>2</sup>; Gosende 20 hab/Km<sup>2</sup> (Crespi *et al.*, 2015).

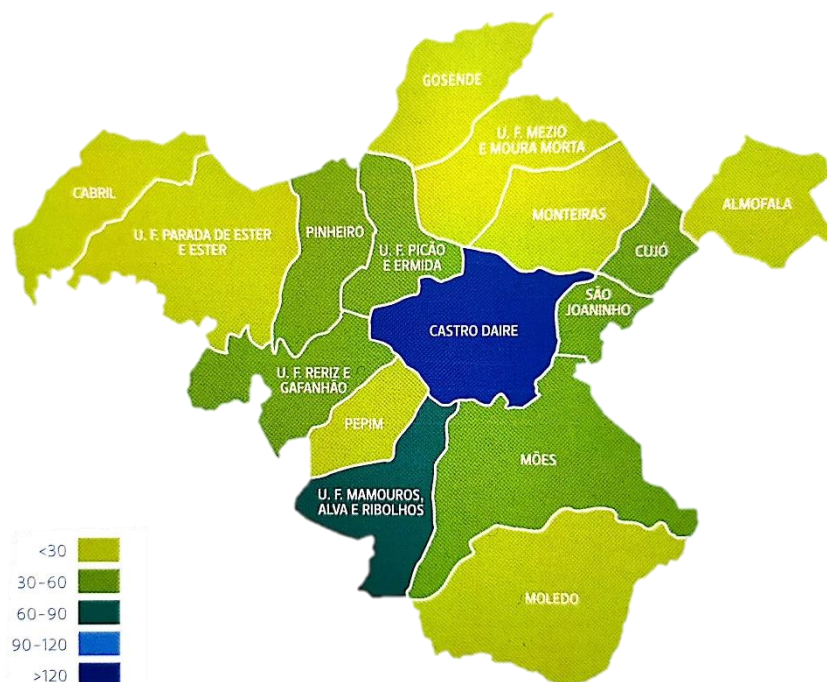


Figura 13 - Densidade populacional nas freguesias do concelho de Castro Daire (2011) (Crespi *et al.*, 2015).

Para além da evidente falta de população, este concelho debate-se com outro grande problema, uma vez que existe um constante decréscimo da população jovem e em simultâneo, é evidente, o crescente número de idosos o que leva a um envelhecimento da população preocupantemente acelerado.

Em relação à população ativa, esta encontra-se maioritariamente ligada ao setores secundário e terciário, havendo assim um decréscimo bastante acentuado da população ligada ao setor primário, mas mantendo ainda assim peso significativo - 9% (Crespi *et al.*, 2015).

No entanto, apesar da evidente falta de habitantes e de uma população extremamente envelhecida, esta vila encerra em si um conjunto valioso e diversificado de elementos naturais e culturais capazes de potenciar a sua procura para as mais variadas atividades, como o turismo de natureza, desportivo, científico e cultural.

### 3.1.1 – Serra do Montemuro

Como já foi referido anteriormente, o concelho de Castro Daire encontra-se situado em plena Serra do Montemuro, serra essa que permite em toda a sua extensão constatar a existência de paisagens diversificadas, marcadas quer pela incisão dos cursos de água nas suas vertentes desnudadas e íngremes, quer por extensos retalhos aplanados e por bosques onde se podem encontrar autênticas relíquias do coberto vegetal (Crespi et al., 2015).

A sua constituição predominantemente granítica enriquece as paisagens pois permite uma abundância de formas particulares, quer ao nível do formato quer ao nível da dimensão, que são tão características das regiões graníticas do Centro Norte de Portugal (Crespi et al., 2015).

Apesar de ser um local com uma riqueza morfológica e paisagística é ainda uma região muito pouco conhecida, uma vez que a sua topografia montanhosa e o seu clima adverso sempre condicionaram a fixação de população e limitaram o seu desenvolvimento (Girão, 1940).

O formato irregular (Ver figura 14) desta serra tem a sua origem num conjunto de fatores que se relacionam com a estrutura geológica e devem-se à evolução do maciço, do magnetismo intrusivo que o criou e da sua posterior deformação e fracturação, mas deve-se também à ação dos agentes da geodinâmica externa, particularmente com a dos dois principais cursos de água, os Rios Douro e Paiva (Crespi et al., 2015).



Figura 14 - Vista sobre os vales da Serra do Montemuro (“Net 3|,” 2020).

Relativamente à sua riqueza natural, pode-se destacar a presença de um diversificado património geomorfológico. As suas formas e depósitos, isolados, conjugados ou mesmo integrados em geossistemas mais amplos, contribuem indubitavelmente para que a paisagem da Serra do Montemuro constitua além de um palco natural, uma área de expressiva importância científica, ecológica, económica e cultural em termos das riquezas que encerra (Vieria, 2008).

### 3.1.2 Rio Paiva

É impossível falar da Serra do Montemuro sem fazer referência ao Rio Paiva (Ver figura 15), este nasce na serra de Leomil (Moimenta da Beira) a cerca de 1000 metros de altitude, e tem uma extensão de 110 km até atingir a sua foz, a margem esquerda do Rio Douro a 20 metros de altitude (Crespi et al., 2015).

Na primeira parte do seu curso (Alto Paiva) apresenta-se como um rio planalto que circula em vales abertos, com um leito pouco sinuoso. Ao passar para um substrato composto por rochas xistentas obriga-o a alterar o seu comportamento, evidenciando grandes meandros com vales encaixados que se tornam mais majestosos quando se confrontam a Serra da Arada e a Serra do Montemuro. Mas é essencialmente a partir de Castro Daire que este rio ganha um novo brilho uma vez que é atijado pelas ruturas de declive que o tornam um verdadeiro rio de montanha. Aspetos geomorfológicos e hidrológicos que se revelam de elevado valor, pois para além do seu papel estruturante da paisagem também é o suporte para o desenvolvimento de vida. As suas vertentes ingremes são essenciais á prática de desportos como escalada, rafting e canyoning. (Crespi et al., 2015).



Figura 15 - Vistas sobre o rio Paiva (“Net 4|,” 2006).

Localizado no centro-norte de Portugal continental, encontra-se incorporado na Rede Natura 2000, denominado como Sítio de Interesse Comunitário, conhecido também como Sítio Rio Paiva (Ver figura 16). Nestas áreas o intuito é de promover um desenvolvimento sustentável, difundindo um crescimento ponderado e cauteloso no que toca a atividades humanas, com o intuito de preservação do ambiente, reduzindo os impactos ambientais tornando as atividades compatíveis com a preservação deste valor (“Net 5|,” 2020; “Net 6|,” 2020).

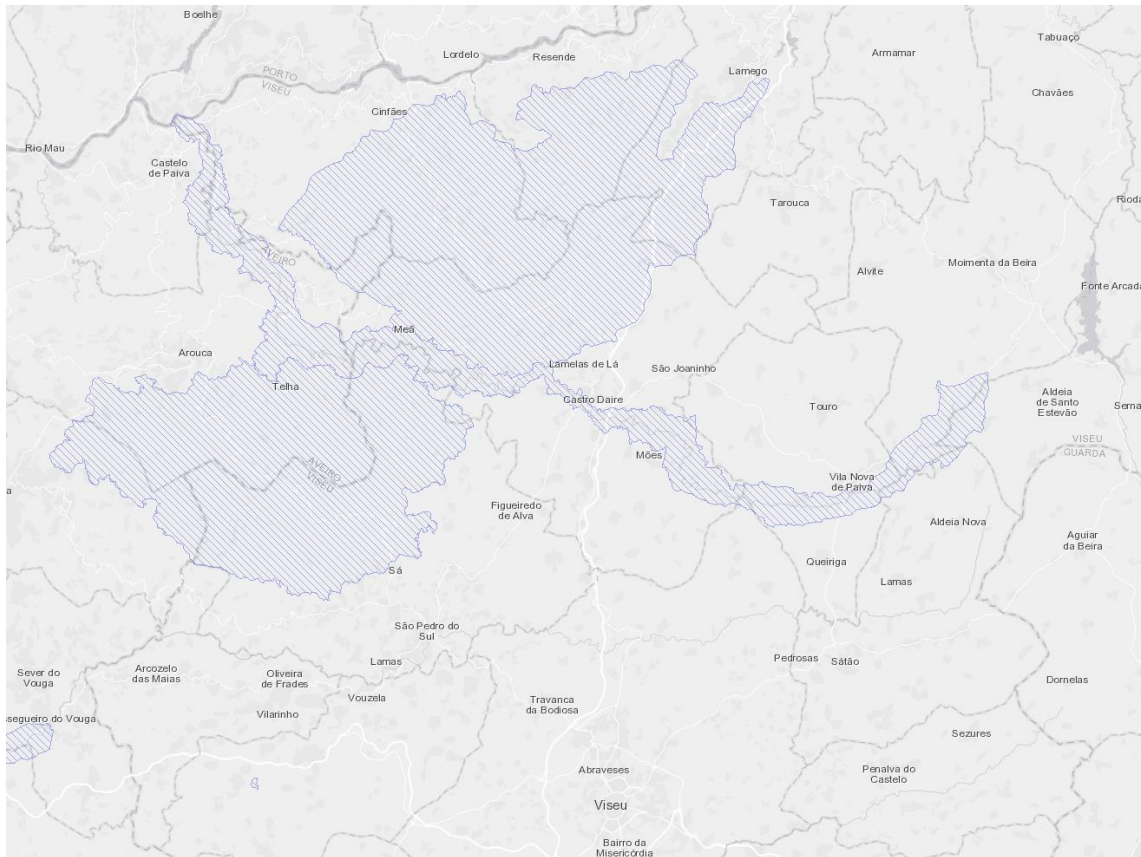


Figura 16 – Áreas de delimitação do Sítio Serra do Montemuro (a Norte), do Sítio Rio Paiva (de Este a Oeste) e do Sítio Serra da Freita e Arada (a Sul) (“Net 5|,” 2020)

### 3.1.3 Bosques Mediterrânicos

A bacia do Mediterrâneo é uma vasta área que se estende por 3800 km de leste a oeste do mar Mediterrâneo, mais precisamente, desde o litoral de Portugal continental até à costa do Líbano, e estende-se cerca de 1000 km desde Itália a Marrocos abrangendo sete estados membros da união europeia, como França, Portugal, Itália, Espanha, Grécia, Malta e Chipre (Sundseth, 2010).

O clima deste território é muito exigente e de extremos, se os verões se fazem sentir secos e quentes, os invernos caracterizam-se por ser húmidos e frios, as chuvas torrenciais são uma constante nas estações outonais e primaveris. Condições que influenciam não só na vegetação que cobre esta área como na vida selvagem que nela se observa (Crespi et al., 2015).

A topografia desta bacia é igualmente variável como o seu clima, repleta de contrastes paisagísticos a região apresenta uma paisagem em constante mutação desde montanhas às costas rochosas, a vegetação impenetrável às zonas húmidas costeiras (Crespi et al., 2015).

Nestas circunstâncias não só o concelho, como o rio e a maior parte da Península Ibérica vive sob o efeito de um fenómeno de “mediterraneidade”. Acrescendo a esta complexidade de condicionantes climáticas, a proximidade com o Oceano Atlântico juntamente com a orientação dos cursos fluviais e das cadeias montanhosas, faz com que Portugal tenha um amortecimento climático sendo a humidade vinda do Oceano Atlântico o potenciador desse amortecimento. A combinação de todos estes fatores, climáticos, geomorfológicos e hidrológicos, permitiu que a vegetação em Portugal fosse melhor adaptada a regimes híper húmidos (Crespi et al., 2015).

Tanto o concelho de Castro Daire como o Rio Paiva são ainda hoje um exemplo vivo desta “paleovegetação” húmida. As galerias formadas pelos bosques ao longo das margens do rio e ribeiras adjacentes, as formações arbustivas que aparecem na serra ou até as encostas frescas e húmidas, permitem testemunhar belezas naturais imponentes apesar de desconhecidas (Ver figura 17). (“Net 7|,” 2020; “Net 8|,” 2020)

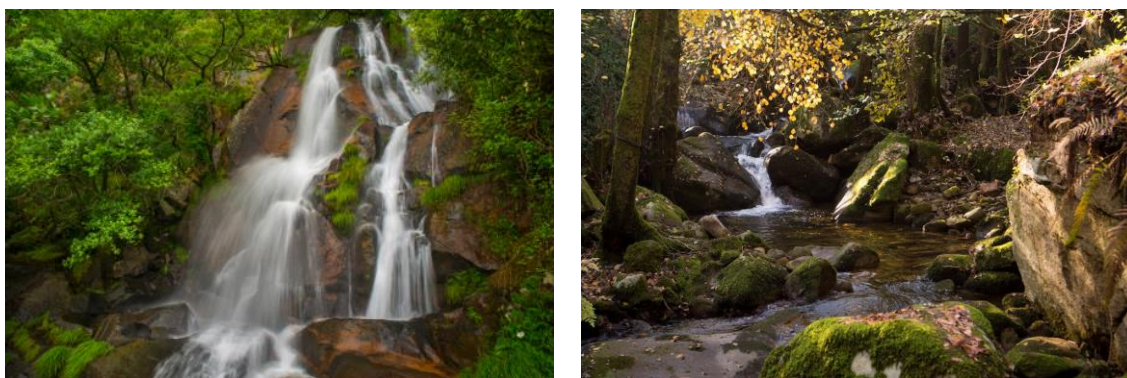


Figura 17 – Bosques húmidos no Rio Paiva (“Net 7|,” 2020; “Net 8|,” 2020).

### **3.2 Desde a pré-história á atualidade do Concelho**

A ocupação do concelho de Castro Daire é pré-histórica, uma vez que existem provas (como antas ou dólmenes e pinturas rupestres) que esta ocupação tenha ocorrido no período Neolítico. O domínio sobre a Península Ibérica da civilização romana também deixou marcas que ainda hoje são visíveis. Um dos exemplares ainda de pé no concelho é a Ponte Pedrinha, ponte onde foi encontrado uma inscrição dedicada a um deus nominado de *Arus* (Ver figura 18). Pensa-se que esta mesma inscrição tenha sido deslocada do castro que se localizava na vila. Na Ponte foi encontrada também uma lápide datada da altura do imperador Caio Júlio César (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

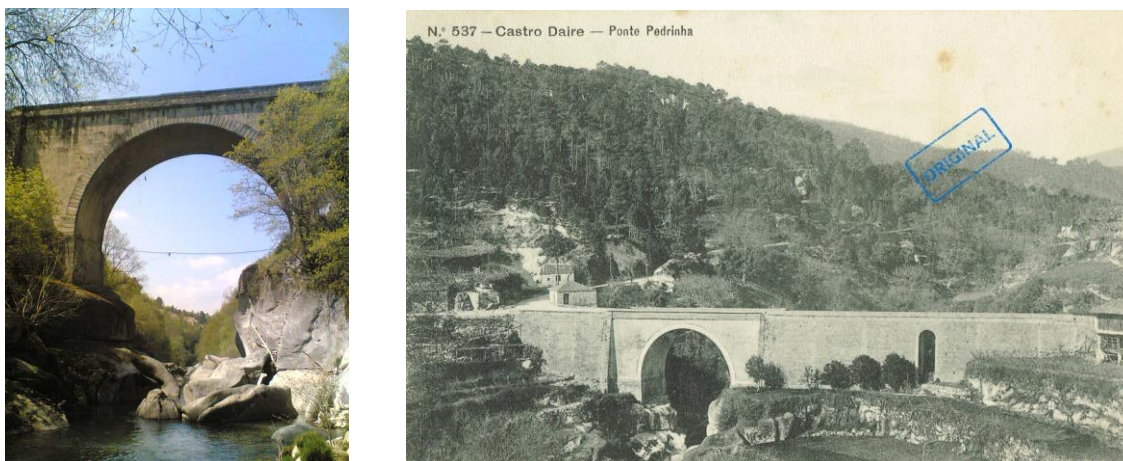


Figura 18 – Ponte Pedrinha (“Net 9|,” 2020; “Net 10|,” 2020).

É certo que os romanos acabaram por ocupar o concelho, apesar de não haver elementos que permitam determinar a distribuição espacial do povoamento ali sediado, mas especulações de historiadores apontam para que a povoação se localizasse no atual centro histórico, zona mais central da vila (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

A presença da cultura árabe também acabou por chegar as estas terras pelos mouros, ocupação confirmada por lendas e topónimos (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

Nos princípios da definição do território e da nacionalidade portuguesa o concelho era dominado por um extenso julgado, o Julgado da Terra de Moção, que estava dividido em duas partes, a parte ocidental era património real e a oriental pertencia a Egas Moniz (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

A vila de Castro Daire veio ter o seu primeiro foral concedido por D. Manuel que elevou á categoria de concelho, que mantém até aos dias de hoje. Com o foral vieram também as obrigações de pagamento ao rei. Nessa época as obrigações que eram pagas ao rei eram responsabilidade dos tabeliães, que equivalem aos notários de hoje em dia, quando a quantia era demasiado avultada os tabeliães fugiam dos concelhos por entrar em inconformidade ao não auferir rendimentos suficientes para pagar as obrigações (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015).

No caso do concelho de Castro Daire, não se registam casos de inconformidade o que denota a importância da vila como polo de atração para as povoações vizinhas, nos finais da Idade Média e início da Idade Moderna (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

Mais tarde, no século XVII, a vila foi elevada a cabeça de condado, mantendo o nome, tendo sido o 1º Conde de Castro Daire, D. António de Ataíde homem da estima de Filipe II (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015). Em 1659 é fundada a Irmandade das Almas mas só em 1861 por autorização do Rei D. Luís a Irmandade das Almas passa-se a designar Irmandade da Misericórdia, a construção do Hospital da Misericórdia foi no ano de 1863, no intuito de substituir a antiga albergaria (“Net 11|,” 2014).

Em meados do século XVIII, a situação jurídico-administrativa altera-se o que levou á extinção de alguns municípios vizinhos, algo que veio impulsionar ainda mais o crescimento da vila de Castro Daire (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015).

No início do século XIX a vila começou a crescer aos poucos, o centro histórico foi crescendo até se começar a expandir para o arruamento romano que sempre passou junto da vila. A maioria dos terrenos adjacentes á vila eram quintas de cultivo e pastorícia, imperava uma economia assente no sector primário e poucas eram as lojas de comércio sendo a sua maioria tascas e lojas de venda a retalho. Até meados do século XIX não há dados estatísticos oficiais que possam caracterizar a população deste concelho, mas sabe-se que desde 1864 até ao fim desse século houve um crescimento ligeiro na população e também foi a quando a construção da primeira escola da vila, Escola Conde Ferreira, corria o ano de 1866 (Carvalho, 2016a, 2016b).

No início do século XX (1911) o Hospital da vila perde a sua capela, surgindo um acordo para a construção da morgue, que só veio a ficar concluída a 1920, no ano seguinte viria a ser construído o largo da Fonte dos Peixes e muito próximo desse ano o aparecimento do largo do Coreto (“Net 11|,” 2014). Em meados dos anos 30 o aglomerado da vila começou-se a estender em volta da Avenida 5 de Outubro, anteriormente denominada por Avenida das Acácias, redefinindo-a como a principal artéria, em 1936 foi construída a escola António Serrado, onde hoje se encontra o Mercado Municipal (Carvalho, 2016b, 2016a; “Net 11|,” 2014). Nos anos 50, pós II Guerra Mundial, em pleno Estado Novo foi construído o Jardim, e apesar de não haver documentos escritos que o comprovem, diz-se que foi em honra ao Dr. Oliveira Salazar. Apesar das infraestruturas trazidas pelo estado novo a população em geral era muito pobre e fez com que Castro Daire ficasse retida no tempo estagnando na sua evolução até ao final do regime salazarista. Pós-revolução dos cravos, em meados dos anos 70 começou um crescimento irrefletido, começou-se a desenvolver a nova malha urbana em que alguns sítios nem arruamentos planeados tinham (Carvalho, 2016b, 2016a; “Net 11|,” 2014). O centro histórico foi deixado ao abandono e nem a construção da unidade de cuidados continuados e mais recentemente a incubadora de empresas juntamente com a junta de freguesia de Castro Daire pareceu trazer vida ou investimento ao local. Alguns equipamentos como o centro de saúde, o centro municipal da cultura ou complexo desportivo municipal foram aparecendo na viragem de século.

A vila no contexto geomorfológico em que se insere foi obrigada a expandir-se na direção oposta ao centro histórico, deixando-o no esquecimento, uma vez que com o crescimento da vila vão aparecendo novas infraestruturas, espaços públicos e mesmos habitações e tudo o que vai ficando para trás vai ficando cada vez mais degradado. Contudo nos últimos anos com as políticas europeias e os fundos disponibilizados tem sido possível para os residentes reconstruírem aos poucos aquilo que tem ficado no esquecimento por muitos anos, porém não parece ser o suficiente para que se revitalize aquela área da vila. Através desses fundos o município também conseguiu ganhar algum suporte monetário podendo investir na modernização do município exemplos disso são as piscinas municipais e a rede de infraestruturas desportivas espalhada pelo concelho que inclui cerca de 50 ringues de desporto entre muitos outros elementos.

### 3.3 Património Cultural

As influências das diferentes culturas (como a árabe) que já passaram neste território são bastante notórias nos diversos vestígios que permanecem até hoje arraigados na cultura montemurana. Estes vestígios são visíveis mesmo ao nível dos monumentos como igrejas, solares e as muralhas das Portas do Montemuro (Crespi et al., 2015) (Ver figura 19).



Figura 19 – Ruína da muralha das Portas do Montemuro (“Net 12|,” 2020).

As várias tradições religiosas mostram que existe uma cultura bastante apoiada numa importante crença religiosa que é mais notória nas áreas mais isoladas, como é o caso das diversas aldeias que existem na Serra do Montemuro. Esta crença é inerente à localização geográfica, uma vez que estas populações se encontram afastadas das grandes cidades e como tal, dos principais núcleos económicos, políticos e sociais. Assim sendo, as festas e romarias tomam uma importância acrescida nos seus moradores uma vez que constituem uma forma de reunião e confraternização social. Também as feiras tradicionais podem ser consideradas forma de património cultural pois permitem dinamizar o comércio local, em áreas que são fortemente afetadas pela estagnação económica. Como grande romaria a estas povoações no Montemuro resta agora a recriação da “Última rota da transumância” (Ver figura 20), rota que tinha como propósito a deslocação das cabeças de gado entre distantes localidades em busca de pasto verdejante na transição das estações do ano da primavera e verão. No caso da rota referida, tem como objetivo recriar a rota que era efetuada pelos pastores que residiam junto da serra da estrela, na parte ainda pertencente ao distrito de Viseu, que guiavam as cabeças de gado num penoso e longo caminho de meses de duração que os levava ao Montemuro, no final da primavera nas zonas baixas os pastos começavam a secar com o calor do verão enquanto nas serras derretia-se a neve oferecendo a estes, um pasto verde e fresco em pleno verão (“Net 13|,” 2020).

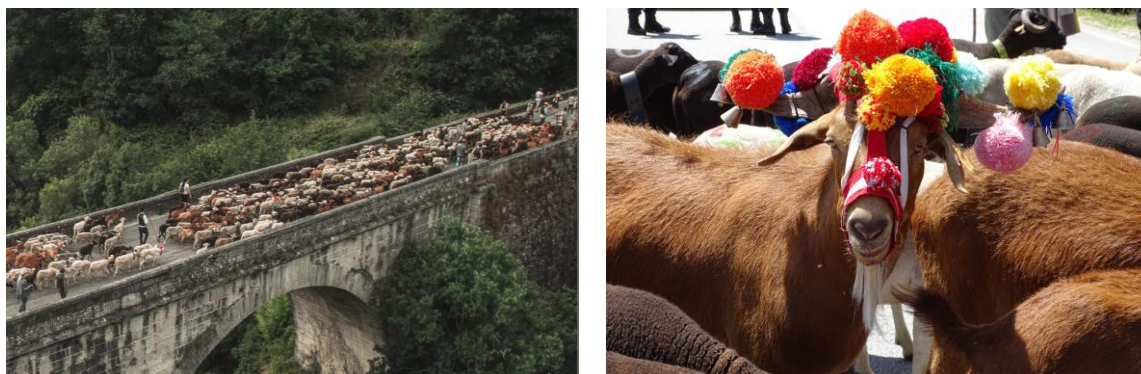


Figura 20 – Evento “A Última Rota da Transumância” (“Net 13|,” 2020).

Relativamente ao artesanato, existem também variadíssimas formas típicas, como é o caso da tecelagem de linho e lã, nomeadamente colchas e mantas, as croças de palha, a latoaria, a cestaria, as tamancas em cabedal e madeira, entre muitas outras (Crespi et al., 2015).

Ao nível da gastronomia esta região também é muito rica uma vez que o grande motor económico sempre esteve ligado ao sector primário, sempre com uma ligação muito próxima com a agricultura e com a pecuária, e uma necessidade outrora sentida que fez com que essas iguarias hoje existam e façam parte da cultura do concelho. Exemplos disso são: o cabrito assado, as trutas de escabeche, o arroz de salpicão, o bolo podre, o pão de milho, entre muitas outras.

### 3.4 Rede de Miradouros

O concelho dispõe de uma rede de miradouros, contam-se cerca de sete (Ver figura 21), criada no âmbito de dinamizar a região e dar alguma relevância ao meio ambiente, de forma a protegê-lo e conserva-lo. Os miradouros são estrategicamente colocados na extensão do concelho (“Net 14|,” 2020).



Figura 21 – Mapa da rede de Miradouros do Concelho (“Net 14|,” 2020).

Apesar de pouco desenvolvidos, uma vez que se encontram num ambiente florestal, estes miradouros são de composição simples, com algum mobiliário urbano como caixotes do lixo, bancos, e os telescópios para que se possa ter mais detalhe nas vistas de cada miradouro.

Começando pelo miradouro mais a sul do Concelho, o Miradouro de São Lourenço (Ver figura 22), que se localiza na freguesia de Moledo, entre duas aldeias: a de Covelo de Paiva e Casais do Monte, a uma elevação de cerca de 920 metros de altura num topo de um monte que se estende em forma de crista no sentido sudeste-noroeste. A sua elevação nas redondezas não é comum, dado que atribui um carácter especial a este miradouro uma vez que permite deste ponto ter uma vista com um ângulo de 360°. Encontra-se inserido numa mancha florestal bem preservada (“Net 14|,” 2020).



Figura 22 - Vista do Miradouro de S. Lourenço (“Net 14|,” 2020).

O Miradouro dos Carreirinhos (Ver figura 23- Esquerda) situa-se perto do vértice geodésico “Carreirinhos” na freguesia de Pepim e é um dos três miradouros mais centrados do concelho. Localiza-se a uma altitude de 720 metros. Apesar da sua localização central como a zona é montanhosa só é possível observar o quadrante oeste (“Net 14|,” 2020).

Mais a este de Carreirinhos já entre as freguesias de Pepim e Reriz, encontramos o miradouro da Serra do Cimal (Ver figura 23- Centro) a uma altitude de 560 metros, onde é possível avistar toda a vertente sul da Serra do Montemuro e também a encosta onde se desenvolve todo o aglomerado urbano da vila de Castro Daire (“Net 14|,” 2020).

Um pouco mais a norte destes dois últimos, situa-se o Miradouro de Castro Daire (Ver figura 23- Direita), na estrada que liga as povoações de Ribolhos e Vale de Carvalho. A uma altitude de cerca de 520 metros, consegue-se ter uma vista sobre a vila de Castro Daire desde o centro histórico até toda a zona de expansão a oeste da vila (“Net 14|,” 2020).



Figura 23- Vista dos Miradouros de Carreirinhos (esquerda), da Serra do Cimal (Centro) e de Castro Daire (direita) (“Net 14|,” 2020).

A nordeste do concelho situa-se o Miradouro de Santa Bárbara (Ver figura 24- Esquerda) a uma altitude cerca de 960 metros, junto da capela que lhe atribui o nome, no limite da freguesia de Almofala. Este ao contrário dos anteriores localiza-se numa zona de características graníticas e de onde se observa a depressão morfológica do rio Varosa, uma extensa área aplanada. Aliando a este facto as características geológicas particulares desta parte do concelho permite que se consiga avistar o maciço granítico da Serra da Estrela (“Net 14|,” 2020).

Do lado oposto, considerando o eixo norte-sul, mais precisamente a noroeste, já na Serra do Montemuro localizam-se mais dois miradouros. A 760 metros de altitude encontramos o Miradouro de Cetos (Ver figura 24- Centro), elevado em relação à aldeia consegue-se avistar o quadrante sul e oeste do concelho, realçando as vistas sobre a vila de Castro Daire, a zona de Reriz e mais próximo a Mata do Bogalhão (“Net 14|,” 2020). Por último, o Miradouro da Serra do Montemuro (Ver figura 24- Direita), localiza-se perto da capela das Portas do Montemuro a cerca de 1220 metros de altitude junto da estrada nacional 321. Sendo este o miradouro mais elevado de todos consegue-se ter uma vista sobre o concelho, observar a Serra de São Macário e a silhueta do maciço da Serra da Estrela. Este encontra-se inserido em território da Rede Natura 2000, no maciço granítico mais elevado da Serra. Ao nível paisagístico consegue-se observar uma vasta área granítica, mas o mais icónico deste lugar é que se consegue observar um fenómeno geológico designado por metamorfismo por contacto, que em suma é uma intrusão magmática no interior da crosta terrestre que ao não chegar à superfície é obrigada a arrefecer no subsolo aquecendo as rochas que envolvem a câmara magmática alterando a sua composição química, designando-se assim por uma auréola metamórfica. Quando esta solidifica e a erosão expõe o maciço rochoso é possível ver o granito a “transformar-se” em xisto (“Net 14|,” 2020).



Figura 24 - Vista dos Miradouros de S.<sup>ta</sup> Bárbara (esquerda), de Cetos (Centro) e da Serra do Montemuro (direita) (“Net 14|,” 2020).

# Capítulo 4 – A Vila de Castro Daire

## 4.1 Morfologia Urbana da Vila

A inquietação com o desenho urbano remonta já aos tempos greco-romanos, mas mais próximo dos tempos de hoje faz-nos recuar até à época da revolução industrial onde o urbanismo se prendia pela falta de salubridade das cidades. Evoluiu nos tempos modernos, procurando responder a questões essenciais como a higiene, circulação de ar, boa insolação com o intuito de melhorar as condições de vida das populações (Magalhães, 2001).

Relativamente à vila de Castro Daire, o centro histórico, por ser mais antigo apresenta uma malha urbana densa e concentrada denotando alguma coesão. Porém o crescimento da vila foi no sentido das grandes artérias que a atravessam, como é o exemplo da N2, facto que pode ser explicado por esta vila ter origem num povoamento. Denotam-se assim particularidades no seu sistema urbano uma vez que são demarcados pelo atravessamento de eixos viários com elevada importância e são eles os principais influenciadores no crescimento desta malha urbana justificando a aglomeração de edifícios junto desses mesmos eixos.

Numa estrutura principal identificam-se vias de diversas características, largos e praças que em unísono se conjugam definindo-se como um sistema de espaços públicos hierarquizados de carácter urbano. Dessa estrutura principal ramificam-se vias de menor importância no quotidiano vivido da vila, mas ainda assim determinantes no equilíbrio da estrutura do aglomerado urbano.

Pode-se considerar assim que a vila de Castro Daire é um aglomerado tradicional, que tem por base de desenvolvimento um centro.

O centro histórico ostenta uma malha consolidada com uma morfologia orgânica, que se organiza a partir de quarteirões pequenos e irregulares, formando uma densidade razoável. Já o tecido envolvente apesar de começar a crescer nos últimos anos, encontra-se num estado embrionário, contudo a sua ocupação é mais regular que a parte antiga, porém menos consolidada.

### 4.1.1 Edificado

Os grandes exemplares construídos deixados a esta povoação, remontam ao passado aristocrático português, bem no início da formação do seu território, como é o exemplo da Capela da Ermida que remonta ao século XII, mas também exemplares do século XVII como as casas brasonadas dos Aguilares e dos Mendonça, a casa dos Fidalgos da Cerca ou a capela das Carrancas e a Igreja Matriz (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015).

O crescimento desta malha urbana edificada, foi devida ao facto de a população residente ter abandonado o sector primário e secundário redefinindo um novo enquadramento naquilo que era a economia local, em indagação de melhores condições de vida, levou a uma maior

submissão ao sector terciário o que levou a desequilíbrios urbanos (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

Após esta reorientação da economia local, o abandono e a descaracterização do edificado foram os efeitos sentidos, associados às debilidades como a deslocalização de serviços, o declínio da atividade comercial, o envelhecimento populacional e uma certa acomodação dos empresários levou a uma desvalorização no mercado imobiliário local, tornando-se pouco atrativo para o investimento. A constante desvalorização e desinteresse dos residentes, provocada pela falta de acessos a meios que instiguem o empreendedorismo e a competitividade tornaram-se numa nova espiral que encaminha este concelho ao despovoamento em massa (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015).

No aglomerado edificado da vila (Ver figura 25) denotam-se alguns constrangimentos, apesar da predominância da função habitacional em detrimento das funções comerciais e de serviços. Contudo segundo dados municipais de 2011, o número correspondente a famílias residentes na freguesia de Castro Daire era inferior ao número de alojamentos, denota-se uma diferença percentual que ronda os 50% (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016). Este dado evidencia que a desertificação desta região se deve ao facto do edificado se encontrar num elevado estado de degradação e de apresentar pouca solidez, segurança e higiene motivados pelo seu abandono e desinteresse, uma vez que os custos associados á sua reabilitação tornam-se insuportáveis devido a falta de investimento, e não à falta de habitação (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).



Figura 25 – Planta do Edificado (sem escala). (o autor)

#### 4.1.2 Património edificado classificado

Património no seu sentido mais prático define-se como um conjunto de bens ou valores, de natureza material ou imaterial, de reconhecido interesse, para determinada região, país ou pessoa (“Net 15|,” 2020). A UNESCO reconhece como um testemunho de tradições e realizações espirituais que marcam a evolução das populações, representando um valor histórico fazendo parte da sua identidade (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

Na vila de Castro Daire no seu aglomerado urbano são possíveis de encontrar alguns exemplos de património edificado classificado, de realçar a Igreja Matriz de Castro Daire (Ver figura 26) ou vulgarmente conhecida como a Igreja de São Pedro, que se localiza no centro histórico, a casa da Cerca e a respetiva capela das carrancas que se localizam perto do Jardim Municipal de Castro Daire já no centro da vila. A caminho da parte mais elevada desta vila encontramos ainda a capela de São Sebastião e ainda alguns pelourinhos dispersos pela localidade (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015).

A Igreja Matriz de Castro Daire, já foi por diversas vezes intervencionada, a sua fundação remonta á época medieval, mas a sua fachada foi alvo de intervenções e é resultado de uma reforma oitocentista. Destaca-se também no seu exterior a casa das almas com vãos ostentando a decoração joanina com cornijas e aventais e encontra-se distinguida como Imóvel de Interesse Público (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015).



Figura 26 – Igreja Matriz de Castro Daire. (o autor)

A Capela de São Sebastião (Ver figura 27) também foi distinguida como Imóvel de Interesse Público, esta localiza-se numa zona de interesse paisagístico sobre uma plataforma artificial. Acredita-se que já existia no século XVI e em 1860 foi transladada para a sua atual localização por se encontrar inicialmente nos atuais Paços do Concelho (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).



Figura 27 – Capela de S. Sebastião (“Net 16|,” 2020).

A Casa da Cerca e a Capela das Carrancas são partes do mesmo conjunto, (Ver figura 28) um exemplo de arquitetura residencial barroca. A sua construção data de 1776 por ordem de D. Manuel de Vasconcelos Pereira, bispo de Lamego, para sua residência (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016). O edifício, na década de 90 do século XX, foi reconstruído para responder a novas funções. A casa tem três andares e fachadas rebocadas e pintadas de branco com embasamento em cantaria, a sua fachada principal está orientada para Sul e é rasgada por um portal de arco abatido rematado por um frontão interrompido por brasão de armas, possui também duas janelas retangulares pequenas e por cima destas, duas janelas em guilhotina. A fachada que está voltada para o Jardim Municipal é composta três janelas retangulares de pequenas dimensões no primeiro piso, o segundo é composto por uma porta e dez janelas retangulares em guilhotina e o último piso por onze janelas retangulares em guilhotina e com tímpano e por um pequeno óculo. Naquilo que toca ao seu interior a Casa atualmente alberga a sucursal de um banco, o Museu Municipal e no terceiro e último piso um auditório municipal juntamente com alguns gabinetes afetos há câmara municipal e ainda existem residências para os quadros bancários (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

A Capela das Carrancas é composta por um largo, uma fonte e pela respetiva capela. O acesso é feito por um lance de seis degraus centrais que dão acesso do largo ao patamar da fonte, com duas bicas em forma de carranca, inserida num nicho. O acesso à fonte é feito por um arco de volta perfeita, assente em pilastras e abobadado (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016). A partir desse patamar arrancam dois lances de escadas divergentes interrompidos por um patamar intermédio de onde partem mais dois lances de escadas desta vez convergentes dando acesso central a porta da Capela dedicada a São José, o muro prolonga-se formando um átrio na

frente da capela. Tanto a capela como os muros que completam a fonte, são de acordo com a casa da cerca, com fachadas rebocadas e pintadas de branco, com os ângulos definidos por cunhais de cantaria e remates em friso e cornija e cobertura de madeira (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).



Figura 28 – Capela das Carrancas (esquerda) e Casa da Cerca (imagem do centro e imagem da direita) (“Net 17|,” 2018; “Net 18|,” 2012).

### 4.1.3 Equipamentos

Uma rede de equipamentos bem estruturada e em plena capacidade de funcionamento poderá potenciar a regeneração da malha urbana, melhorando as condições e modos de vida, modernizando-os e tornando-os atrativos, fixando população e atraindo turistas.

A vila de Castro Daire naquilo que respeita aos equipamentos possui uma quantidade razoável e na sua generalidade encontram-se em bom estado de conservação, contudo muitos necessitam de manutenção e outros de requalificação. Nem todos os aspetos são negativos no interior e nos últimos anos, denota-se um aumento desses equipamentos apesar do ritmo ser um pouco tímido nos últimos 20 anos.

Com o intuito de analisar as carências da vila de Castro Daire é importante listar todos os equipamentos existentes, enumerando por função que desempenha, distinguindo o ano de construção e referenciando o seu estado de conservação (ver tabela 1).

Tabela 1 – Listagem de equipamentos presentes na vila de Castro Daire (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016; Crespi et al., 2015; “Net 19|,” 2016).

<b>Equipamento</b>	<b>Ano de construção</b>	<b>Estado de conservação</b>
<b>Equipamentos Administrativos</b>		
- Junta de Freguesia	2019	Bom
- Câmara Municipal	1990	Bom
- Casa do Povo de Castro Daire	1986	Mau
<b>Equipamentos Culturais</b>		
- Centro Municipal de Cultura de Castro Daire	2001	Bom
- Museu Municipal	1993	Mau
- Centro Interpretativo e Informação do Montemuro e Paiva	2015	Bom

---

### **Equipamentos Desportivos**

- Estádio Municipal de Futebol de Castro Daire	2007	Mau
- Pavilhão Gimnodesportivo da Escola Secundária	2009	Mau
- Piscinas Municipais	2005	Bom

### **Equipamentos de Recreio e Lazer**

- Parque infantil do Jardim de Castro Daire	2011	Mau
- Jardim Municipal de Castro Daire	Anos 50	Mau
- Parque infantil do Bairro do Castelo	1990	Mau
- Parque infantil do Bairro Formento	2001	Mau
- Jardim do Centro Municipal da Cultura	2001	Bom
- Jardim do Calvário	2010	Bom
- Jardim Milénio	2017	Bom
- Largo da Feira das Vacas	2020	Bom

### **Equipamentos de Ensino**

- Jardim Infantil da Santa Casa da Misericórdia	2018	Bom
- Jardim de Infância de Castro Daire	1975	Mau
- Escola do Ensino Básico nº1 de Castro Daire	1975	Mau
- Escola do Ensino Básico nº2 de Castro Daire	1990	Bom
- Escola do Ensino Básico nº2/3 de Castro Daire	1982	Mau
- Escola Profissional da Fundação D. Mariana Seixas	2005	Mau

### **Equipamentos de Prevenção e Segurança Pública**

- Bombeiros Voluntários de Castro Daire	2020	Bom
- Posto Territorial da GNR	1981	Mau

### **Equipamentos de Saúde**

- USF   Unidade de Saúde Familiar de Castro Daire	2015	Bom
- UCSP   Unidade de Cuidados de Saúde Personalizados de Castro Daire	2015	Bom
- Unidade de Cuidados Continuados   S. Casa da Misericórdia	2007	Bom

### **Equipamentos Religiosos**

- Igreja Matriz de Castro Daire	Séc. XVII	Bom
- Capela da Senhora da Soledade	Séc. XVI	Bom
- Capela das Carrancas	1776	Bom
- Capela de São Sebastião	Séc. XVIII	Bom

### **Outros Equipamentos**

- Mercado Municipal	1985	Mau
---------------------	------	-----

---

- Incubadora de Empresas Municipal	2019	Bom
- Parque urbano de Castro Daire	2012	Bom

## 4.2 Espaço Público

Segundo uma definição mais simbólica e burocrática o espaço público é todo aquele espaço/lugar, com ou sem definição de barreiras arquitetónicas e com um conteúdo de matéria construída ou não, que está aberto à sociedade. Qualifica-se como propriedade do estado e de uso da população em geral. Assumimos que qualquer pessoa pode usufruir do espaço público, de acordo com as limitações impostas por lei (Brandrão, Carrelo, & Águas, 2002).

De uma forma resumida, o espaço público na vila de Castro Daire subdivide-se em duas componentes, a rede de circulação viária e pedonal, num carácter de rede de articulação, e os espaços públicos de utilização coletiva, que assumem um carácter de recreio e lazer.

A vila tem requerido bastantes obras de requalificação urbana tentando proporcionar um melhor conforto e uma melhor qualidade de vida para a população, tentando minimizar os efeitos da desertificação da mesma. Contudo o centro histórico apresenta um reduzido espaço público composto por ruas, travessas e alguns largos. A vila no contexto geomorfológico em que se insere foi obrigada a expandir-se na direção oposta do centro histórico, sendo que os grandes espaços de utilização coletiva e as suas vias, também acompanharam a sua expansão. Dentro de uma malha mais urbana e mais regular primeiro desenvolveu-se junto da artéria principal e posteriormente junto das artérias secundárias que ramificam da estrada nacional 2 (Ver figura 29).

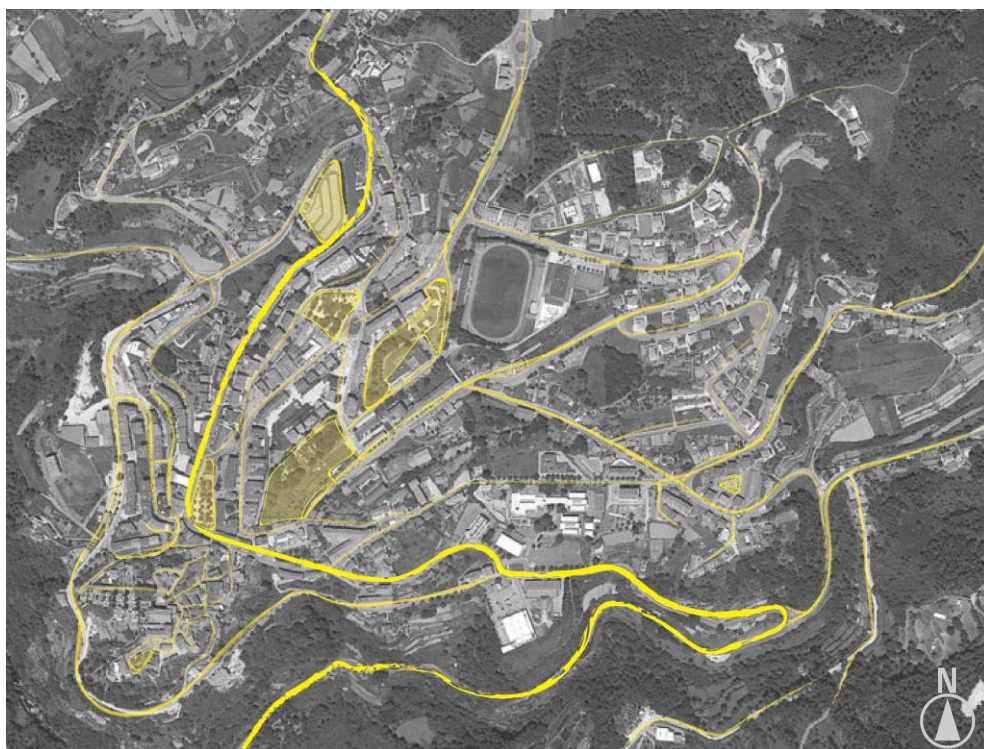


Figura 29 – Esquema de sobreposição da vista aérea da vila e a rede dos Espaços Públicos. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)

#### **4.1.2 Rede de circulação viária e pedonal**

As acessibilidades do Concelho não se encontram nas melhores condições sendo as de maior destaque: a A24, que liga Viseu a Vila Verde da Raia no concelho de Chaves a norte de Portugal e a N2, uma das estradas mais icónicas de Portugal e uma das maiores do Mundo que liga Chaves a Faro atravessando o país de norte a sul.

De um modo generalizado, em todo aglomerado urbano, a sua estrutura viária caracteriza-se por dois perfis tipo, um perfil mais largo composto por duas faixas de rodagem geralmente uma faixa para cada sentido de circulação e passeio em ambos os lados e um perfil mais estreito, normalmente verifica-se onde as habitações pré existentes se sobrepõe às vias sobrando pouco espaço para as mesmas e o perfil acaba por ser composto por uma faixa de rodagem de sentido único e passeio, ambos os perfis geralmente padecem de estacionamento. Trata-se assim de uma estrutura viária fluída bem planeada e desimpedida de barreiras que causem constrangimentos (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

Todavia o centro histórico organiza-se de maneira diferente, uma vez que a dependência da circulação automóvel não era tão profícua, as vias são mais condicionadas na sua generalidade, não há diferenciação entre faixa de rodagem e o passeio sendo que os pavimentos não têm diferenciação no revestimento e são mais irregulares, sujeitando a mobilidade a um aumento de insegurança e desconforto (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

As últimas obras de requalificação de algumas vias como por exemplo na Avenida Maria Alcina Fadista e na Avenida Dr. Francisco Sá Carneiro vieram implementar algumas modificações na malha, não ao nível do seu traçado, mas na sua funcionalidade, as faixas de rodagem tornaram-se mais estreitas, os passeios e os estacionamentos encolheram para que se desse espaço a uma ciclovía que atravessará a vila, por enquanto registam-se dois troços que ocupam as avenidas anteriormente referidas.

#### **4.2.2 Espaço público de utilização coletiva**

Os espaços públicos de utilização coletiva assumem, cada vez mais, uma maior importância na definição daquilo que chamamos cidade nos dias de hoje. Representa um contributo digno para a boa qualidade de vida das populações onde se inserem e por isso deve ser refletido com o intuito de servir as necessidades dessa mesma população conjugando um equilíbrio do ambiente urbano. A conjugação destes fatores com o meio ambiente tem-se tornado cada vez mais atual, tornando-se assim urgente refletir sobre as suas funções usos e vivências (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

Este tipo de espaços está cada vez mais associado ao modo de vida frenético que se vive nos dias de hoje servindo como escape do corrúpio de trânsito nas cidades, mas também como forma de nos afastarmos das nossas preocupações.

A malha urbana da vila divide-se essencialmente entre edificado e espaço público, sendo que este último é composto por ruas, travessas e alguns largos, fundamentais na sua articulação e na sua fluidez de utilização, contudo a potencialidade dos espaços não representa tudo, não se

podendo esquecer o investimento e modernização dos mesmos (Câmara Municipal de Castro Daire, 2016).

No aglomerado urbano da vila podem-se identificar assim cerca de oito espaços públicos de utilização coletiva, sendo que destes os de maior relevância numa escala ascendente são o Largo da Feira das Vacas, o Jardim do Calvário, o Jardim do Centro Municipal da Cultura, o Largo da Av. 5 de Outubro, vulgarmente conhecido por Fonte dos Peixes, e por fim o de maior relevância, O Jardim Municipal de Castro Daire.

O Largo da Feira das Vacas juntamente com o Jardim do Calvário foram requalificados no âmbito da recuperação do caminho da via-sacra. Contudo o Largo da Feira das Vacas recebeu uma reorganização, aquilo que antes era um largo em terra batida, passou a ser um espaço com mobiliário urbano que permite não só uma melhor utilização, como um palco para espetáculos diferenciando espaço pedonal daquele que alberga lugares de estacionamento. Todo o caminho que vai desde este Largo até ao Jardim do Calvário inclusive, sofreu também obras de requalificação, para além de todas as placas informativas do caminho e da tradição religiosa, foi colocado mobiliário urbano e pavimento para pessoas invisuais. O Jardim do Calvário em si sofreu uma reestruturação recuperou-se a fonte de água, construíram-se instalações sanitárias públicas e ainda uma fonte com um espaço verde e com sombra onde os habitantes normalmente realizam desporto ao ar livre. Ainda nas imediações do Calvário existe toda uma área ainda não intervencionada que espera albergar o Parque Desportivo Urbano de Castro Daire, com o intuito de ser um grande parque de recreio e lazer muito ligado ao desporto e atividade física.

O Jardim do Centro Municipal da Cultura e o Jardim Milénio foram construídos em três fases, sendo que numa primeira fase deu-se a construção do Centro Municipal da Cultura e o do jardim que o envolve que se caracteriza por ser um extenso espaço verde com pouca vegetação arbórea, com grande exposição solar e isolado. Numa segunda fase, junto ao Estádio Municipal, foi construída uma estátua em homenagem aos emigrantes do concelho, em Zermatt. Na última fase deu-se a construção do parque infantil e do Jardim Milénio que fazem a ligação desde a estátua ao Jardim do Centro Municipal da Cultura.

O Largo da Fonte dos Peixes também sofreu de obras de recuperação, uma vez que representa muito mais que o local onde os residentes se abastecem de água, pois atualmente é um ponto de elevado interesse turístico uma vez que se encontra na rota da N2, estando destacado com um marco da estrada. Além disso este Largo possui um painel cerâmico de grandes dimensões que enaltece os valores culturais que demarcam a região. Do outro lado da estrada o largo é rematado com uma varanda metálica que provoca quem passa a admirar a paisagem e tem ainda um banco que posiciona o utilizador de costas para a vista, obrigando-o a focar no painel cerâmico.

## 4.3 Caso de Estudo: O Jardim Municipal de Castro Daire

### 4.3.1 Contextualização geográfica e histórica

O Jardim sempre se localizou no mesmo local apesar de todas as alterações que sofreu ao longo dos anos. Contudo antes de ser erguido o antigo Jardim Dr. Oliveira Salazar (Ver figura 30 – Esquerda e Direita), a vila era composta na sua maioria por campos agrícolas que se dedicavam ao cultivo como forma de vida. Na época da sua construção (anos 50 do século XX) a economia da vila sofria uma das maiores transformações e os habitantes deixavam os campos e procuravam empregos mais estáveis em busca de melhores condições de vida (Carvalho, 2016a, 2016b, 2017, 2020; “Net 11|,” 2014)

Representa assim um marco na vila onde se insere, não só pela sua centralidade, mas também por se afirmar como um dos primeiros grandes espaços públicos desta localidade. O espaço nos primeiros anos de existência caracterizava-se por ser nivelado pela via da Avenida das Acácias o que permitia uma permeabilidade de circulação em toda a sua frente, com traços de um jardim bem organizado junto da antiga escola António Serrado, era o espaço onde os jovens se divertiam. Ainda antes da grande reformulação do Jardim, existiam planos para a construção de uma escadaria que ligaria a capela das Carrancas à capela da Nossa Senhora da Soledade, que nunca veio a ser realizado restando apenas uma pintura (Carvalho, 2016a, 2016b, 2017, 2020; “Net 11|,” 2014)(Ver figura 30 – em baixo).

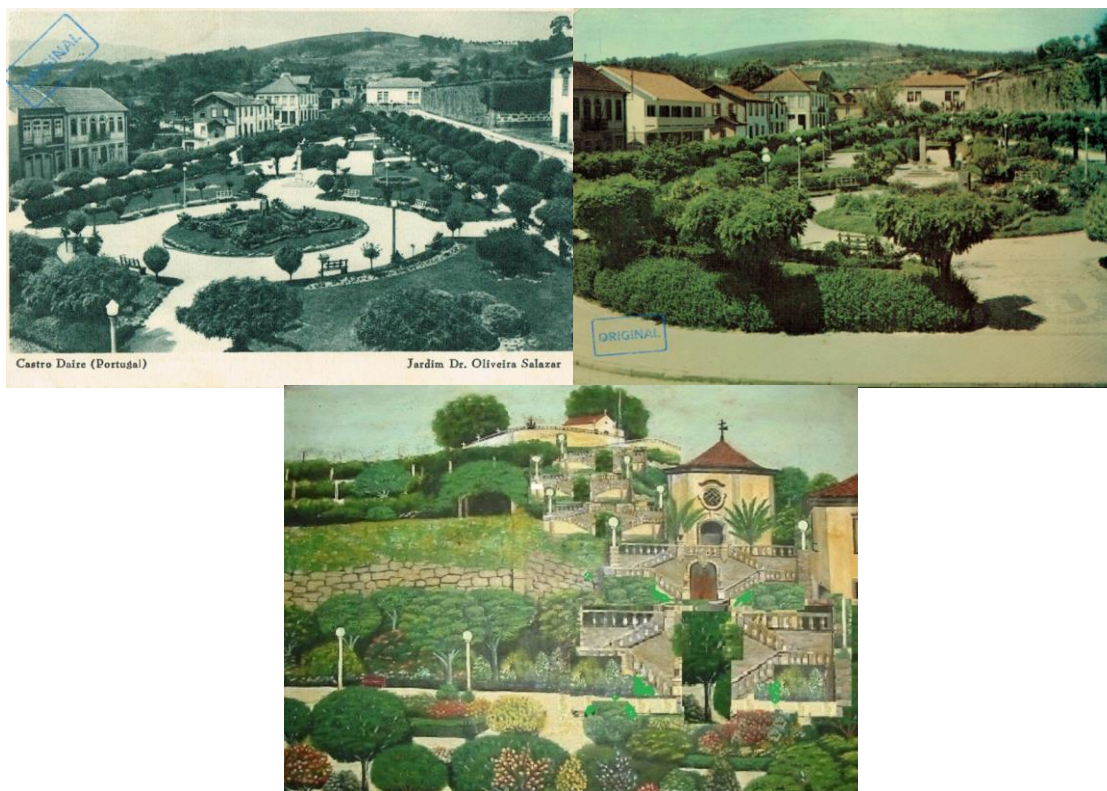


Figura 30 – Fotografias Jardim Dr. Oliveira Salazar (esquerda e direita); Escadaria da capela das Carrancas (em baixo) (“Net 9|,” 2020; Carvalho, 2017).

Em meados do séc. XX, ganha ainda mais evidência no traçado da vila com a construção da rede de estradas nacionais que ligam ainda hoje o país de norte a sul e de este a oeste. Este local foi presenteado com a passagem da N2, no antigo arruamento romano que ali se localizava, contudo, o Jardim veio a sofrer uma perda na sua área para poder albergar essa mesma estrada. Porém não foram as únicas alterações, uma vez que este foi elevado para que a estrada fosse maior e mais plana. Pela mesma altura ocorreu a queda do regime salazarista e o município optou pela reformulação total do espaço (Carvalho, 2016a, 2016b, 2017, 2020).

O Jardim Dr. Oliveira Salazar sofreu alterações pelo que se pretendia dar uma expressão mais urbana, a grande mudança denota-se ao nível da impermeabilização do solo, uma vez que o antigo Jardim tinha um piso totalmente permeável e era rico na sua vegetação e o atual Jardim caracteriza-se pela impermeabilização da maior parte do seu solo com a exceção de 12 canteiros que se destacam da gigante praça que ainda viu um quiosque ser construído e umas instalações sanitárias para usufruto público e ainda um parque infantil.

Com o decorrer dos anos e sob as fortes crises económicas, intensificou-se a emigração que conduziu ao abandono da região. Todos estes entraves ao desenvolvimento levaram a uma descaraterização, demolindo casas com valor arquitetónico regional dando lugar a grandes prédios de habitação, contudo a desvalorização provocada pelo abandono, conduziram a uma estagnação no processo de descaraterização.

No centro destas problemáticas, o Jardim Municipal acompanha o ritmo descendente, culminando num estado de degradação e correndo risco eminente de um completo abandono.

### **4.3.2 Análise do local**

Permanecem ainda hoje visíveis as cicatrizes do crescimento da vila mais propriamente nos edifícios que o envolvem. O crescimento da vila foi muito para além do jardim, porém é na sua envolvente que se denotam as alterações de escalas e de estilos de construção ao longo dos anos e que ainda hoje estão em convivência. Ao contrário do centro histórico, o Jardim Municipal ainda hoje se assume como o ponto central da vila, tornando-se ao longo dos anos um dos lugares de destaque e que dá imagem ao postal de Castro Daire, servindo de palcos a inúmeros eventos.

Quanto à análise do Jardim Municipal, subdividiu-se em seis temáticas a abordar, sendo elas: Edifícios envolventes, vias circundantes, estacionamento e acessos, funções e infraestruturas, exposição solar e o clima e por fim os eventos que acolhe.

Começando do exterior para o interior do jardim e por uma breve análise aos edifícios que o envolvem, têm na sua maioria 3 a 4 pisos de altura e subdividem-se de uma maneira idêntica, sendo que a maior parte deles são compostos por comércio nos primeiros pisos e nos restantes pisos ocupados por habitação (Ver figura 31), não segue uma regra tendo alguns edifícios sendo totalmente convertidos em comércio. Existem ainda outros que respondem a funções de equipamentos como é o caso do Tribunal, o Museu Municipal (a este), o Mercado municipal (a norte) e o Quartel dos Bombeiros Voluntários (a oeste) (Ver figura 31). Atrás da primeira linha de edifícios começaram a crescer prédios de habitação de grandes dimensões, porém ainda se

destacam dois edifícios na primeira linha que vieram substituir edifícios antigos de menor escala (Ver figura 31).



Figura 31 – Esquema do edificado envolvente ao local de intervenção. Serviços – assinalados a amarelo; Edifícios descaracterizadores – assinaladas a vermelho; Comércio/Habitação – assinalados a cor de laranja. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)

As ruas que desenham o Jardim Municipal (Ver figura 32) são três, sendo a Avenida 5 de Outubro a que partilha a maior frente e por isso a que tem mais acessos ao jardim, é a que desenha os limites de oeste a sul e caracteriza-se por ser a que tem mais movimento e por consequência mais lugares de estacionamento. A Avenida 5 de outubro pertence á estrada nacional 2, mas ao mesmo tempo tem um carácter especial uma vez que a cota da estrada é igual á cota dos passeios sendo apenas diferenciado o revestimento e os peões tem prioridade em relação aos automóveis, forçado pelo carácter comercial da rua. A Avenida Misericórdia é a via que desenha o limite norte do jardim, apesar de partilhar uma frente relativamente pequena e não tendo nenhum acesso, é a principal via que liga a área mais residencial da vila ao centro da mesma. A rua que delimita o jardim a este é a Dr. Lacerda Pinto, a mais reservada das três pelo que a sua função se baseia no acesso ao museu municipal, á capela das carrancas e uma escadaria que liga ao estacionamento do Tribunal, é uma rua de sentido único que possui lugares de estacionamento em todo o seu comprimento.

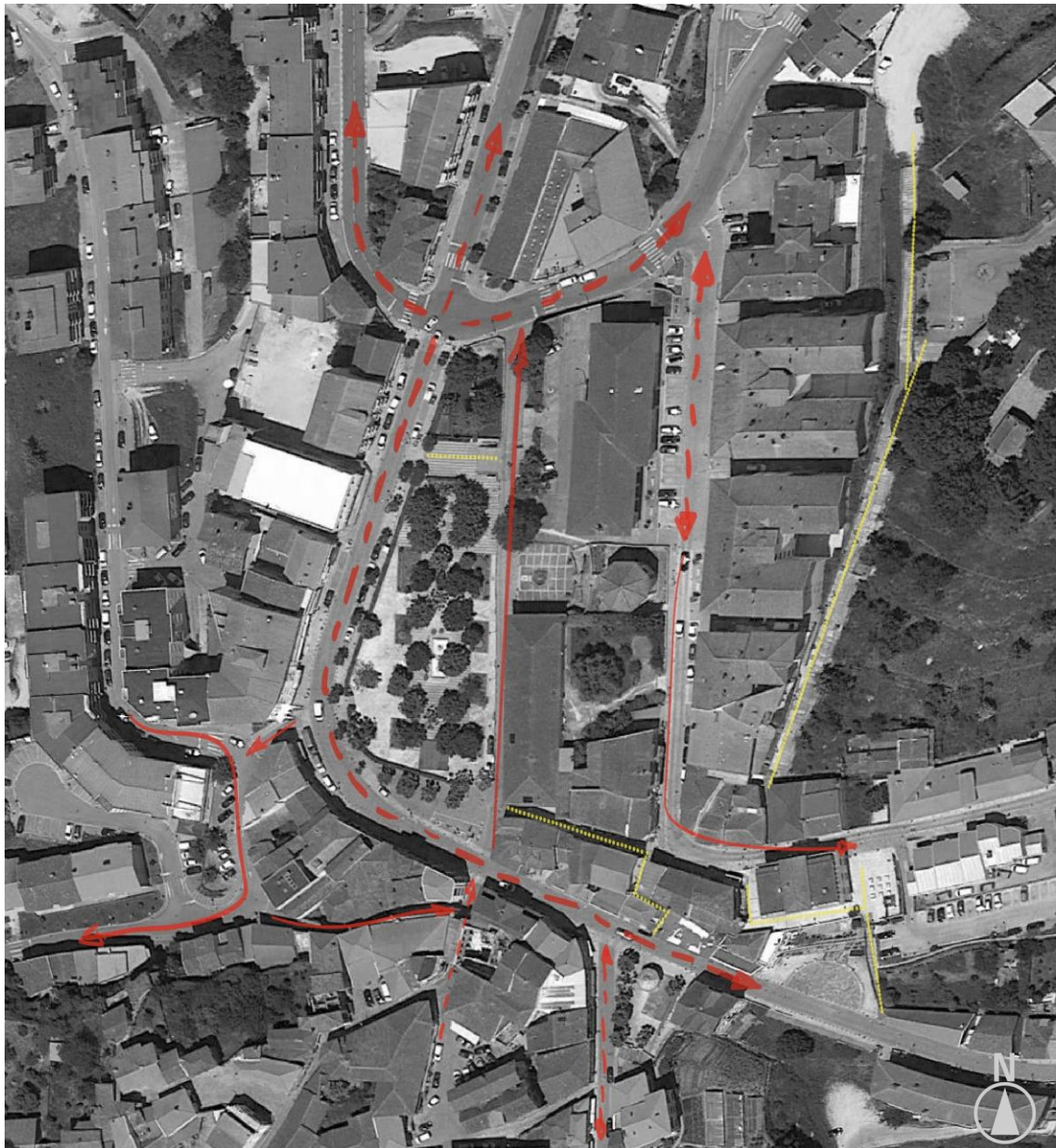


Figura 32 – Esquema de fluxos viários e pedonais na envolvente ao local de intervenção. Percursos Pedonais – assinalados a amarelo; Ruas de sentido único – assinaladas a vermelho contínuo; Ruas de dois sentidos – assinaladas a vermelho tracejado. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)

Apesar de existir um moderado acesso a lugares de estacionamento (Ver figura 33) em torno do local a intervir, continuam a não ser suficientes uma vez que existe uma elevada procura devido à sua localização central e ao facto de estar próximo de muitos dos principais serviços e comércio. Tudo isto leva ao condicionamento da Av. 5 de Outubro durante quase todo o ano. No que toca aos acessos ao Jardim Municipal podem-se contar quatro, sendo que três deles são efetuados através de escadarias deixando apenas um deles nivelado com a via, pelo que dificulta o acesso a cidadãos com mobilidade condicionada.



Figura 33 – Esquema de estacionamentos viários públicos na envolvente do local de intervenção (assinalados a vermelho) e os respetivos acessos (assinalados a amarelo). (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)

O local a intervir ao nível funcional (Ver figura 38) responde às funções de um jardim, é um espaço que se caracteriza por ser amplo e com bastante área impermeabilizada, já os elementos vegetais essenciais num jardim encontram-se sem grande tratamento. O mobiliário do jardim encontra-se degradado e inadequado (Ver figura 34) ao uso com qualidade por parte dos utilizadores. Ao nível infraestrutural o jardim possui apenas umas instalações sanitárias públicas (Ver figura 35) e algumas conexões artesanais de água e luz para alguns eventos, perdeu o quiosque há uns anos, e no lugar da sua lage foi colocado um palco em madeira (Ver figura 36). Atualmente os elementos que se destacam são o lago, a máquina a vapor e o pelourinho (Ver figura 37).



Figura 34 – Mobiliário urbano existente, visivelmente degradado. (o autor)



Figura 35 – Instalações sanitárias. (o autor)



Figura 36 – Local do antigo quiosque, atual palco de madeira. (o autor)

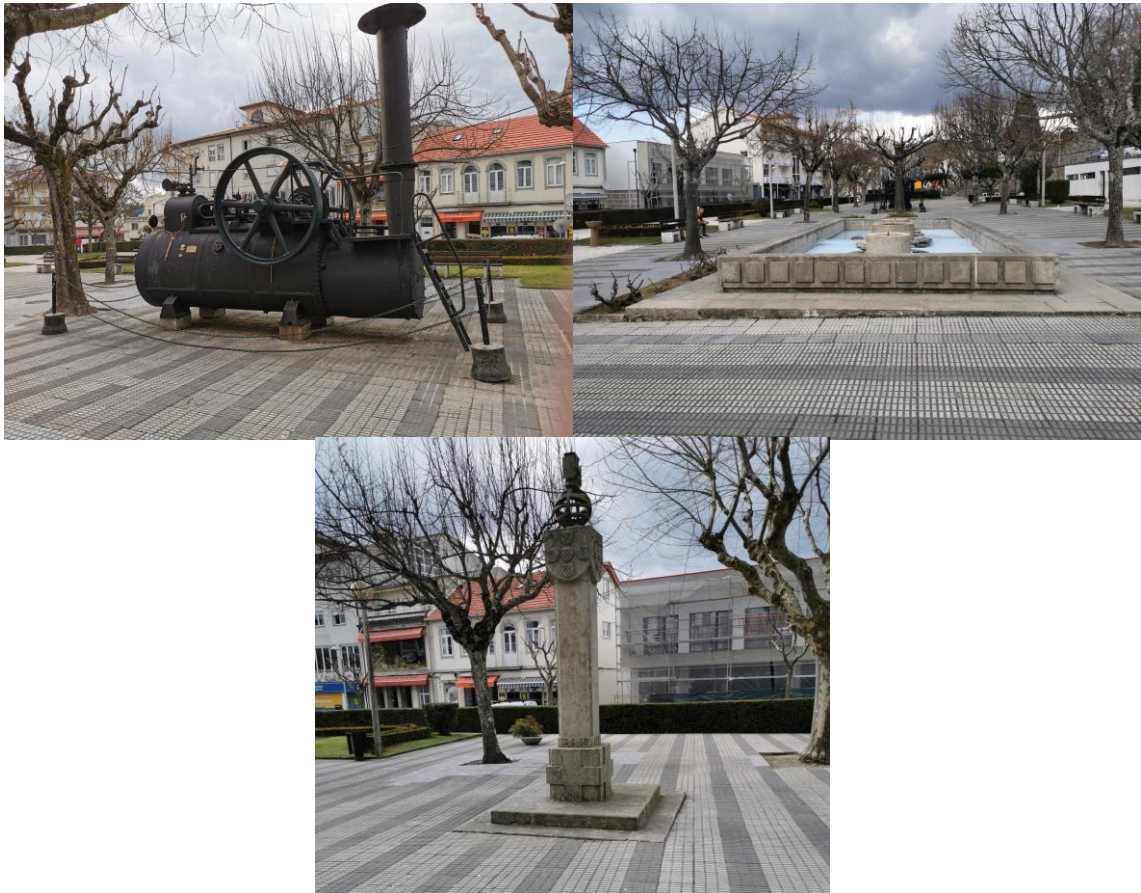


Figura 37 – Elementos de destaque: Máquina a Vapor (Esquerda); Lago (Direita); Pelourinho (Em baixo)  
(o autor)



Figura 38 – Esquema das funcionalidades no atual jardim municipal. Parque infantil – assinalado a amarelo; Jardim – assinalado a vermelho; Praça de táxis – assinalado a cor de laranja; Instalações sanitárias – assinalado a azul. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)

Quanto á exposição solar (Ver figura 39), este acaba por ter um aproveitamento bastante aceitável, considerando que o seu maior eixo se orienta do sentido norte-sul. Geograficamente insere-se no término oeste do planalto em que a vila e a maior parte do concelho se insere, por conseguinte ele é orientado a oeste, uma vez que a leste se situa a parte mais alta onde se situam os prédios de maior elevação que impedem a iluminação natural matinal. Estima-se em média que a vila num dia tenha 12 horas e 10 minutos de luz solar, já o mínimo de horas estimadas são de 9 horas e 20 min aproximadamente e o máximo perto das 15 horas diárias. Estas amplitudes das horas de luz solar coincidem com os picos do inverno e de verão respetivamente (“Net 20|,” 2020).

Relativamente aos ventos que sopram de forma predominante (Ver figura 39), sabe-se que desde meados da primavera a meados do outono, o período mais longo, os ventos do Atlântico, vindos de oeste, sejam os predominantes. Durante o restante período os ventos vão variando a sua direção embora se considere que os ventos vindos de leste sejam os considerados frequentes, contudo os ventos de norte também são de tomar em consideração por não haver uma diferença significativa na percentagem das ocorrências (“Net 20|,” 2020).



Figura 39 – Esquema de exposição solar e ventos predominantes no local de intervenção. Sentido do sol – assinalado a amarelo; Ventos predominantes – assinalado a azul. (o autor a partir de imagem satélite retirada do Google Maps)

Por último os eventos que este jardim alberga são inúmeros, desde eventos tradicionais já com décadas de existência, como são os casos da recriação da última rota da transumância e as marchas populares, que enchem o jardim fazendo dele um dos pontos com melhor visibilidade destes eventos. Até alguns eventos mais sazonais, como é o caso da feira de natal evento alusivo á época natalícia que enche o jardim de crianças e atividades por outro lado já no verão realiza-se o festival da juventude, mais direcionado aos adolescentes que trás a vida noturna ao espaço. Alguns eventos desportivos como etapas da volta a Portugal em bicicleta, provas dos campeonatos nacionais de btt, *trail* entre outras, têm o jardim como ponto de partida, chegada ou só mesmo de passagem, em algumas ocasiões servindo de espaço para a entrega dos prémios. Por fim de destacar alguns eventos televisivos que são transmitidos a partir do jardim, como é o caso de alguns programas relacionados com a Rota N2 e com as 7 Maravilhas da Cultura Popular Portuguesa, contudo a necessidade de se promover o território não se deve sobrepor às necessidades sentidas pela população no espaço em questão. Em suma o espaço tornou-se

versátil pela descaracterização que foi sofrendo ao longo dos anos. Esta ocupação intensiva levou a uma aceleração na degradação do seu estado de conservação, pondo em causa o seu aproveitamento atual e a qualidade de uso oferecida aos residentes desta vila

Fazendo uma ponte com a informação referida anteriormente pode-se verificar que este local apresenta-se como um espaço pontuado, uma vez que a vegetação existente nunca se encontra aglomerada mas sim dispersa pontualmente pelo jardim. Relativamente aos seus limites pode considerar-se que o espaço apresenta limites permeáveis a oeste, sul e este, pois possui algumas entradas de diferentes tamanhos, apresenta ainda limites abertos contidos a norte uma vez que é possível o acesso visual, contudo o acesso físico não existe.

#### 4.4 Estado da arte: Casos de estudo

Algumas das obras que serviram como referência, foram estudadas pelas suas soluções construtivas, pelo sentido estético e pela relação que criaram com a envolvente mais próxima e o potencial de desenvolvimento que criaram depois de construídas. As obras que tiveram uma proximidade mais íntima com a presente dissertação são: Metropol Parasol em Sevilha por Jurgen Mayer H. e Arup, Jubertgtower em Hemer na Alemanha por Birk e Heilmeyer, e a Praça de Lisboa no Porto por Balonas e Menano.

##### **Metropol Parasol, Jurgen Mayer H. e Arup**

A Metropol Parasol (Ver figura 40) situa-se na praça da Encarnación em Sevilha - Espanha, um edifício construído no ano de 2011, que veio substituir o antigo mercado que ali se instalava. Foi construída no âmbito de explorar o potencial da praça onde se insere como um centro urbano contemporâneo, tendo-se rapidamente tornado num ícone da cidade. O seu papel no interior da malha urbana medieval de Sevilha permite um grande número de atividades na sua envolvência. O programa desta obra é suportado pelo *Antiquarium*, um valioso espaço arqueológico; um novo mercado; uma praça urbana dividida em vários níveis; alguns cafés e restaurantes; e no topo da cobertura o Miradouro com aproximadamente 250 metros de extensão de *passerelles*. O programa aliado à sua expressão arquitetónica fez que a praça fosse de novo vivida ativando o comércio e a construção, acabando-se por tornar num destino interessante para turistas e moradores (“Net 21|,” 2020; Saieh, 2010).



Figura 40 – Metropol Parasol “Net 22|,” 2020).

### **Jubertower, Birk e Heilmeyer**

A torre (Ver figura 41) foi construída no ano de 2010 em Hemer, na Alemanha e afirma-se como um marco urbano destinado a um festival de flores. Com cerca de seis metros de base a torre ascende o observador aos vinte e três metros de altura aproximadamente e brinda-o com uma plataforma no seu topo com cerca de nove metros de diâmetro. A torre é construída em somente dois tipos de material sendo eles o ferro e a madeira, onde o ferro fixa a torre ao solo com uma fundação de cerca de seis metros de profundidade leva os apoios á rocha onde esta se assenta. Apesar de um programa simples e puramente ligado a observação e contemplação esta obra caracteriza-se pelo seu método construtivo, o uso de madeira de cor crua para formar a malha estrutural exterior estimula um contraste entre o material natural e a forma contemporânea que a torre assume. Esta malha em madeira foi aplicada segundo um padrão hiperboloide e á medida em que a torre se eleva a densidade da malha de madeira vai sendo reduzida transmitindo um sentimento de leveza da estrutura permitindo ao utilizador uma vista progressivamente mais limpa (Jodidio, 2015).



Figura 41 – Vários ângulos sobre a Jubertower (Jodidio, 2015).

### **Praça de Lisboa, Balonas e Menano**

A praça de Lisboa no centro do Porto junto da torre dos Clérigos era uma praça em completo estado de degradação que depois de um concurso público ganhou a proposta dos arquitetos portugueses, terminada em 2013 a proposta de revitalização da praça previa três níveis programáticos (Ver figura 42): no topo o Jardim urbano, correspondente ao nível do jardim da cordoaria, composto por um bar, um jardim urbano com algumas oliveiras que produzem sombra para os espaços ajardinados formando um espaço tranquilo de convívio; no nível intermédio é rasgado no edifício um acesso da Livraria *Lello* à torre dos Clérigos e assume-se como uma rua comercial; no piso subterrâneo que já existia antes da revitalização, um parque automóvel de carácter público. Como o antigo espaço estava ao abandono a segurança e o bem-estar eram carências fundamentais no local, assim a dinâmica deste projeto garantiu colmatar essas carências existentes naquele espaço público, devolvendo aos seus transeuntes um percurso

de transição natural funcional, sem barreiras ou obstáculos tornando-o apelativo à sua travessia e compatível com a sua envolvente mais próxima, acabando por se tornar no ponto-chave desta proposta (“Net 23|,” 2020; “Net 24|,” 2020)



Figura 42 – Vista dos vários níveis programáticos: Praça de Lisboa (“Net 24|,” 2020).

# Capítulo 5 – Proposta

## 5.1 Descrição do local de intervenção

O local de intervenção foi escolhido posteriormente ao seu enquadramento, primeiramente foi selecionada a localidade por razões naturais de ligação com a mesma e só depois o local e o objeto a intervir.

Como já foi referido anteriormente o local a intervir situa-se na vila de Castro Daire, que dá nome ao concelho e à freguesia, mais precisamente no centro da mesma onde é possível constatar a transição do traçado da malha urbana do centro histórico para um traçado mais regular e mais recente por consequência.

O objeto de estudo é o jardim Municipal desta pequena vila, que se encontra rodeado na sua generalidade por edifícios tanto de habitação como de serviços ou comércio, sendo que os serviços normalmente se encontram no rés-do-chão e a habitação nos pisos que se seguem acima, contudo existem alguns edifícios que incorporam habitação e serviços nos pisos superiores. O jardim orienta-se a Norte, a Este encontram-se os edifícios com maior importância, uma frente composta por três edifícios sendo o Tribunal mais a norte, mais a sul a casa da cerca e entre estes dois a capela pertencente à antiga moradia que hoje se encontra reconvertida no museu municipal. O jardim tem a sua maior frente orientada a oeste, onde um dia vislumbrou uma vista desimpedida sobre o vale do Paiva, hoje partilha frente com alguns edifícios de diferentes escalas. A Sul sempre se localizou a entrada principal deste jardim, onde hoje partilha o espaço com a praça de táxis da localidade e com um parque de motociclos.

Sendo este jardim um ponto central da vila, é um espaço característico e de elevado interesse por parte dos moradores, em primeira instância pela sua funcionalidade sendo um dos espaços verdes de maior escala e com mais afluência e em segunda instância por representar um lugar de união e de encontro uma vez que, como já foi referido, muitos eventos e tradições ali se realizam, razões que tornam este local especial para todos os que usufruem.

## 5.2 Conceitualidade da proposta

Posteriormente ao levantamento e a consequente análise espacial do jardim percebeu-se que este era composto por canteiros retangulares de pequenas proporções e rigidamente definidos onde o espaço verde era completamente submetido ao poder de urbanização do ser humano.

Posto este facto a conceitualidade de toda a proposta pareceu lógica, ir na corrente inversa. O conceito baseia-se na intenção de controlar o espaço de circulação, fazendo com que o espaço destinado para a vegetação seja mais fluído ganhando proporções mais aproximadas entre si. Assim como toda a vila se submete aos constrangimentos topográficos e às áreas naturais protegidas na sua envolvente, percebeu-se que não faria sentido num jardim submeter a

vegetação a uma organização rígida e geométrica puramente ornamental. Concluiu-se pelo contrário que a vegetação proposta deveria ter algum tipo de fluidez e liberdade, no intuito de que esta cumpra funções específicas como as de criação de privacidade, sombreamento ou aromatização do ar, e não somente com o intuito de ornamentação. Para isso toda a paleta de vegetação escolhida para a proposta foi baseada no coberto vegetal existente no cancelho.

### **5.3 Definição e justificação do programa**

Depois de escolhido o local e o objeto de estudo foi necessário pensar numa nova vivência para o espaço verde que se localiza no centro da vila, combinar as experiências que se vivem no quotidiano dos habitantes com um novo programa e uma nova ideia de utilização era algo arriscado pelo que foi necessário um processo de prospeção para se poder perceber de que é que os moradores sentiam necessidade e quais eram as verdadeiras falhas na qualidade de utilização do jardim. Antes da pandemia, ainda se abordaram informalmente alguns residentes de diferentes fchas etárias e as respostas foram sendo comuns, enquanto as gerações mais novas, apontavam a falta de um local onde pudessem conviver e aproveitar de um local confortável ao ar livre, as gerações mais antigas queixam-se da falta de qualidade do espaço pela degradação a longo prazo, o mobiliário antiquado degradado e desadequado assim como a imensidão de área impermeabilizada em relação ao antigo jardim que relembram como um oásis da vila.

Percebeu-se que era urgente criar um programa que revitalizasse esse sentimento de oásis por parte dos moradores, assim através de conversas com o presidente da autarquia, que ainda se conseguiram levar a cabo antes do confinamento, onde este demonstrou o interesse e a preocupação com o espaço, foi reforçada a necessidade de uma intervenção radical no lugar devido à sua importância na comunidade local. Contudo as visões sobre o espaço eram bastante díspares entre moradores e autarca: se por um lado os moradores tinham a imagem do antigo jardim (Jardim Dr. Oliveira Salazar) como oásis de beleza singular, um espaço de convívio e de passeio e consideram o atual jardim como uma atrocidade. Por outro, o autarca, apesar de admitir que o espaço sofre de uma degradação profunda e que o jardim estando elevado da cota da estrada protegido por arbustos em todo o seu perímetro não torna o espaço convidativo nem acolhedor, tem uma visão sobre o espaço como uma grande praça que suporte diversos eventos abordando-o como um espaço de passagem pedestre no quotidiano dos residentes. A ideia que o autarca partilha acerca da sua renovação é que este deve ter o menos vegetação do que a existente e deve-se pavimentar uma grande praça com um elemento arquitetónico a sul que seria uma cafetaria.

Em suma o programa nasce com base em ambas as visões, era preciso ter em consideração as intenções autárquicas para o usufruto do espaço, contudo também havia algo que era necessário devolver aos moradores não só um espaço de fruição de qualidade, mas também um local que permita uma convivência com a natureza.

Na definição do programa teve-se em conta a análise feita ao local de intervenção, á sua envolvente mais próxima e também á sua envolvente mais distante. Decidiu-se que o programa

deveria criar dinâmicas que permitissem uma melhor qualidade de vida cotidiana, contemplando as seguintes funções: espaços de observação para a natureza, um bar, um ponto de turismo, um parque infantil, um espaço de estar, umas instalações sanitárias públicas, espaços amplos versáteis que possibilitem a realização de diversos eventos ou atividades e uma área verde que faça a conexão e desconexão entre espaços sempre que assim se pretende.

## **5.4 Definição e justificação das estratégias**

A estratégia passou por criar uma centralidade vivida, tendo por base as tradições e costumes que existem na região, tendo como principal objetivo tornar este espaço apelativo e funcional de forma a permitir a confluência de pessoas de todas as fchas etárias. Para isso teria de responder com espaços tanto de lazer como de repouso.

Começou-se por ter em conta a forte ligação da região com a natureza e na existência de uma rede de miradouros pouco explorada, achando-se por isso pertinente a criação de um ponto de observação no centro da vila, no entanto como já foi referido, o local a intervir encontra-se rodeado de edifícios com uma altura considerável impedindo a vista direta para a paisagem, sendo por isso necessário explorar uma alternativa que permitisse elevar o observador, surgindo assim a proposta de uma torre com um miradouro a cerca de 12 metros de altura. Considerando os casos de estudo achou-se que a melhor forma de atrair pessoas ao espaço seria criar equipamentos para que elas permanecessem no espaço por períodos de tempo mais longos. Para tal propôs-se a programação de um bar (Ver figura 43) na base da torre de suporte ao miradouro, havendo um melhor aproveitamento do espaço construído e suscitando curiosidade a quem ali se encontra.

Outra das falhas apontadas anteriormente foi a falta de divulgação turística e quem chega à localidade vê-se obrigado a esclarecer as dúvidas com os moradores, para contrariar isso propôs-se um ponto de turismo (Ver figura 43) no centro do jardim, também como base de uma torre de menores dimensões, a sua cobertura serve como púlpito de observação para todo o jardim. Ambos os equipamentos possuem um largo versátil (Ver figura 43) à sua frente que permite a realização de diferentes tipos de atividades.

Uma das grandes alterações é a inclusão de uma escadaria de acesso a oeste do jardim, que permite não só a sustentação das terras, como também responde á função de bancada sendo de extrema importância, uma vez que está orientada para a avenida onde são realizadas as principais festas e tradições da localidade.

Nesta proposta foi ainda programado duas áreas distintas (Ver figura 43), um parque infantil e uma área de lazer equipada de mobiliário urbano e vegetação que proporcione espaços sombreados.

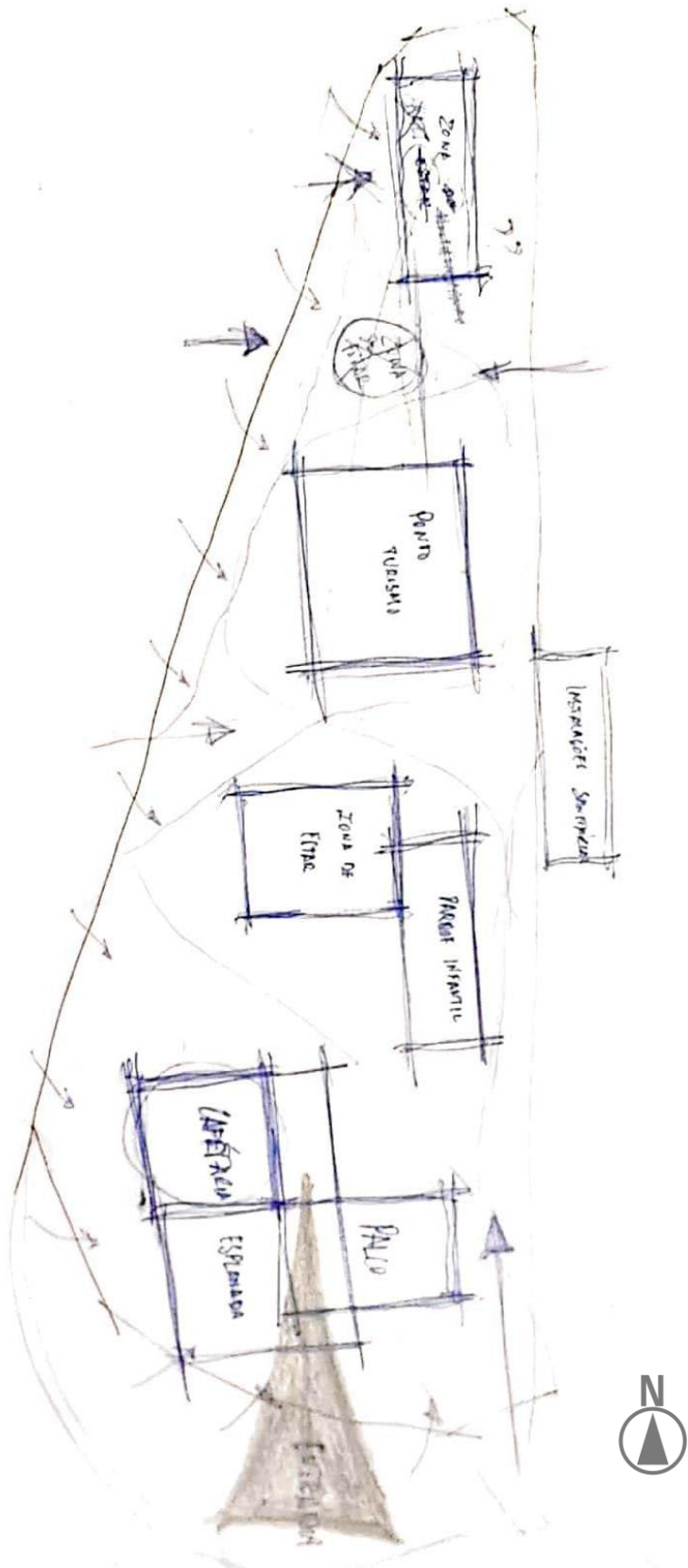


Figura 43 – Organograma de funções propostas (o autor).

Para que o transeunte consiga identificar com clareza as diferentes áreas anteriormente referidas houve uma grande preocupação na definição dos limites das mesmas, para isso utilizou-se diferentes tipos de pavimento e vegetação (Ver figura 44). Relativamente ao pavimento e para que não fossem cometidos erros do passado, todos os espaços de circulação, como os largos, foram revestidos a uma mistura de areia com cola tendo como principais objetivos: tornar o aspeto visual mais natural, diminuir o seu desgaste ao longo do tempo e impedir que estas áreas se tornem impermeabilizadas. Em relação ao parque infantil optou-se naturalmente por utilizar um revestimento à base de aglomerado de borracha, já no espaço de estar pretendia-se que fosse algo cómodo e confortável tendo o *deck* surgido como a melhor opção, no entanto como se trata de um espaço público e de desgaste rápido optou-se por uma alternativa cerâmica visualmente semelhante.

Em relação à vegetação, foi selecionada tendo por base a existente no concelho, dessa forma optou-se por três tipos de vegetação: a arbórea, a arbustiva e a herbácea. Estas foram escolhidas tendo em conta a função do espaço a que se destinam, na zona de estar optou-se pela utilização da vegetação arbórea pontualmente dispersa para a criação de diferentes zonas de sombra, foram utilizadas também espécies arbustivas (Ver figura 46) a norte para que permitissem em conjunto com a vegetação arbórea (Ver figura 45) uma maior criação de privacidade e uma barreira sonora, por fim neste espaço utilizou-se vegetação herbácea (Ver figura 46) com o objetivo de colorir o espaço e o tornar mais harmonioso. A vegetação utilizada junto das instalações sanitárias também foi planeada (Ver figura 44), foram escolhidas espécies arbustivas com características aromáticas que separam a zona dos sanitários da praça do ponto de turismo, permitindo assim uma maior privacidade e aromatizar o espaço. Toda a restante vegetação do jardim foi pensada de modo a criar espaços de luz e sombra (Ver figura 44).







Inspirado nos bosques húmidos referidos anteriormente, as espécies arbóreas (Ver figura 45) escolhidas foram o amieiro, freixo, carvalho e choupo branco que são características das galerias do rio Paiva; relativamente às espécies arbustivas (Ver figura 46) foram selecionadas a esteva, rosela, urze branca e urze vermelha características da serra do Montemuro, e pelos motivos já referidos foram escolhidas a lavanda e o alecrim. Por fim quanto às espécies herbáceas (Ver figura 46) optou-se pelo cravo-do-monte, centáurea e a tradicional relva.

## 5.5 Distribuição do programa

Depois de definido todo o programa e os limites das diferentes áreas que o compõem, era importante definir as suas comunicações e os acessos ao local. Após um estudo sobre os percursos predominantes no terreno constatou-se que existem 3 mais evidentes (Ver figura 47): 1 – liga a Av. 5 de Outubro ao Tribunal, é um trajeto transversal sendo o de menores dimensões e o que não permite ao transeunte percorrer a totalidade do espaço, este trajeto possui na sua extremidade nascente uma escadaria; 2 – liga a Rua Dr. Lacerda Pinto à Av. 5 de Outubro, este por sua vez é um trajeto longitudinal tendo tido por isso um maior interesse na distribuição dos espaços; 3 – liga a Av. 5 de Outubro a Rua Dr. Lacerda Pinto, tal como o anterior é um percurso longitudinal.

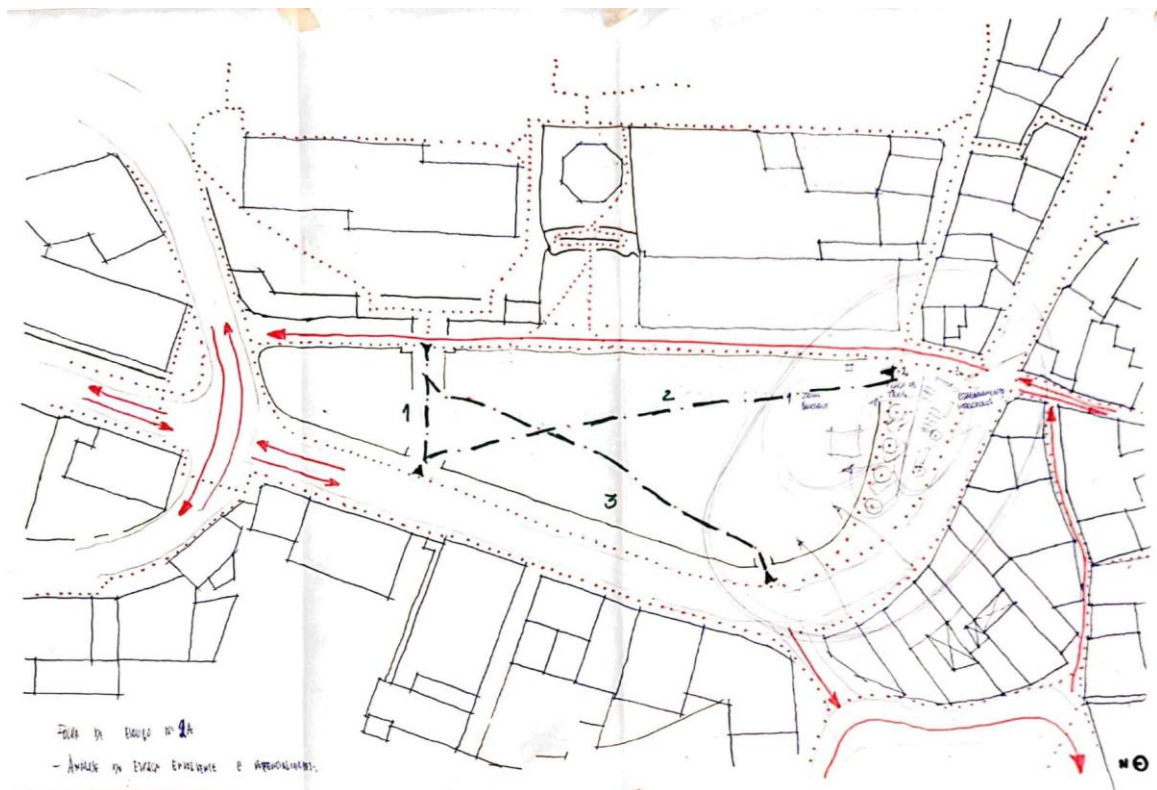


Figura 47 – Esquício de análise de percursos pedonais predominantes (1,2 e 3) e do trânsito viário envolvente (o autor).

Os dois últimos trajetos referidos intersectam-se na zona central (Ver figura 47) do jardim tendo-se por isso optado por aí colocar o ponto de turismo (Ver figura 48), uma vez que é a zona com mais passagem de pessoas dando-lhe assim uma maior visibilidade. O bar por sua vez foi posicionado a sul (Ver figura 48), uma vez que é uma zona de entrada/saída comum aos trajetos 2 e 3 e uma vez que este é a base da torre de maiores dimensões (miradouro) era de interesse posiciona-lo junto dos edifícios de menor cota. Escolhida a posição do bar era de interesse que a área do parque infantil (Ver figura 48) se localizasse nas proximidades do mesmo tornando possível não só a interação entre várias gerações como o supervisionamento.

A escadaria referida na extremidade do trajeto 1 foi alterada (sofreu uma rotação para sul) de forma a tornar mais direta a travessia pelo trajeto 3 em detrimento do trajeto 1, sendo desta forma favorecida a passagem por todo o jardim permitindo assim uma interação mais dinâmica entre as diferentes infraestruturas propostas (Ver figura 48).

Por fim foi observado que existe uma área mais reservada que não é atravessada de forma direta por nenhum dos trajetos referidos (Ver figura 47) sendo por isso atribuída à área uma função de repouso.

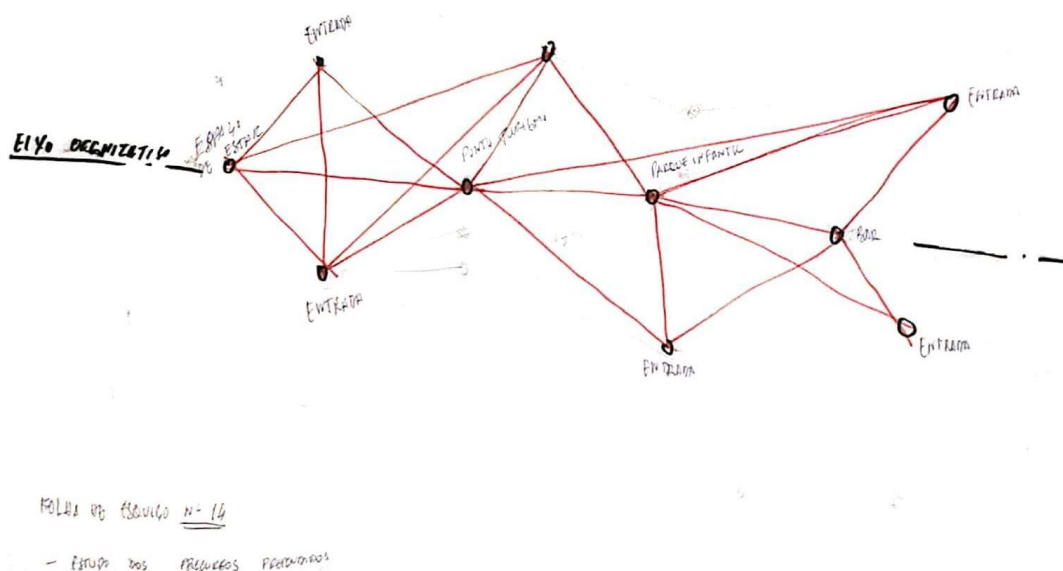


Figura 48 – Esqueto de análise das comunicações entre as funções propostas. (o autor)

Para a elaboração desta proposta foram analisados os casos de estudo acima referidos, deles foram retirados os aspetos que poderiam dinamizar o local em questão. Assim pode-se perceber que os casos de estudo 1 e 3 surgiram com as mesmas premissas da presente proposta, isto é, surgiram de uma vontade de revitalização dos espaços públicos, tanto da praça da Encarnación em Sevilha como a da praça de Lisboa no Porto que se encontravam num estado profundo de degradação e um conseqüente desinteresse da população pelos espaços. Daí as obras servirem de referência como projetos revitalizadores da malha urbana e da criação de dinâmicas. Em relação ao segundo caso de estudo de uma forma mais poética foi aquele que serviu de

inspiração para o miradouro para o vale do Paiva, não só pelo enquadramento do caso de estudo como pela funcionalidade que ele tem.



## 6. Considerações Finais

O intenso despovoamento do interior de Portugal conduziu até aos dias de hoje um inegável subdesenvolvimento abruuto quando em comparação com regiões do litoral, a centralização do desenvolvimento económico no litoral levou a uma constante falta de postos de trabalho e de oportunidades no interior enquanto os portugueses que lá vivem são obrigados a deslocar-se para o litoral na indagação de melhores empregos e condições de vida, essas famílias acabam por se fixar no litoral deixando as terras do interior com uma população cada vez mais isolada e envelhecida.

Todas estas condicionantes ao desenvolvimento do interior de Portugal conduzem a uma pior qualidade de vida, pela degradação dos espaços públicos e das infraestruturas sejam elas culturais, desportivas, entre outras. Toda esta espiral negativa culmina numa desvalorização e desinteresse no investimento na malha urbana.

Assim esta dissertação teve como objetivo estudar a vila de Castro Daire tendo como objetivo principal de intervir no jardim municipal, onde a intenção da proposta pretendeu trazer vida e dinamismo ao espaço central da vila trazendo melhor conforto aos residentes na utilização do espaço público em questão. De certa forma a proposta tenta também contribuir para o turismo da região, fortemente ligado à natureza, e também numa valorização do tecido urbano envolvente.

Para isso foi necessária uma pesquisa de como se deve viver uma cidade e quais os elementos que a compõem e como eles coexistem, houve também uma tentativa de entrevistar moradores de diferentes faixas etárias e funcionários da câmara municipal, no entanto devido á situação pandémica em que o país entrou não foi possível concretizar na totalidade essas mesmas entrevistas acabando-se por optar recorrer a conversas informais de forma a obter a máxima informação possível sobre o local.

Era pretendido uma abordagem criativa, responsável e dinâmica, para a criação de uma proposta contemporânea e funcional com a sua envolvente.

O intuito principal da proposta de revitalização do jardim é não se prendia só por trazer um novo espaço aos residentes sob a forma de um jardim urbano, mas também de direcionar a sociedade a refletir sobre um ponto essencial nos dias de hoje: o ambiente. Toda a cobertura vegetal selecionada foi baseada na vegetação que cobre a região, com o intuito de mostrar não só aos residentes o que os rodeia como aos turistas, acrescentando a ideia dos miradouros pretendia proporcionar aos visitantes do espaço várias perspetivas de contemplação do meio natural.

Ao longo da dissertação foram despontando preocupações com o planeamento arquitetónico dos miradouros, bar e ponto de turismo, mas também a preocupação com o planeamento dos espaços de recreio e sociais sem descurar a vegetação que os envolve, criando dinâmicas não só arquitetónicas como sociais.

A ideia que se pretende passar é que não basta apenas alertar para a importância do ambiente, é também necessário enraizá-lo na educação da sociedade, por isso este jardim limitou os espaços

a utilizar para que a vegetação possa proliferar no sentido em que este jardim não é o símbolo do domínio do homem sobre a natureza mas o símbolo da coexistência, respeito e admiração pelo meio ambiente invocando-se como um monumento ao Meio Natural.

# Bibliografia

- Brandrão, P., Carrelo, M., & Águas, S. (2002). *O Chão da Cidade: guia de avaliação do design do espaço público* (Centro Por). Centro Português de Design.
- Câmara Municipal de Castro Daire. (2016). *Delimitação da área de Reabilitação urbana de Castro Daire*. Lugar do Plano.
- Cardoso, M. E., Cardoso, A.-H., & Carita, H. (1998). *Tratado da Grandeza dos Jardins em Portugal*. Círculo de Leitores.
- Carita, H. (1987). *Tratado da grandesa dos Jardins de Portugal* (Edição de).
- Carvalho, A. P. (2016a). Trilhos Serranos- Montemuro: Escola António Serrado. Retrieved June 14, 2020, from [http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/historia/362-escola-antonio-serrado.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM\\_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A](http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/historia/362-escola-antonio-serrado.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A)
- Carvalho, A. P. (2016b). Trilhos Serranos- Montemuro: Estrada Nacional N° 2 (Oitavo Apontamento). Retrieved June 14, 2020, from [http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/cronicas/528-estrada-nacional-n-2-oitavo-apontamento.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM\\_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A](http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/cronicas/528-estrada-nacional-n-2-oitavo-apontamento.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A)
- Carvalho, A. P. (2017). Trilhos Serranos- Montemuro: Lição da História. Retrieved August 26, 2020, from [http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/cronicas/586-licao-da-historia.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM\\_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A](http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/cronicas/586-licao-da-historia.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A)
- Carvalho, A. P. (2020). Trilhos Serranos- Montemuro: Instantâneo Poético. Retrieved August 19, 2020, from [http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/oesia/981-instantaneo-poetico.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM\\_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A](http://www.trilhos-serranos.pt/index.php/oesia/981-instantaneo-poetico.html?fbclid=IwAR02BXxZsY0I0R1vYdFRBDgM_LTO5OcZhiaz7paZx6yBo1WKGsN4LJ-Oy6A)
- Crespi, A., Vieira, A., Viana, H., Vaz, J., Cunha, L., Almeida, P., ... Vilaça, R. (2015). *Montemuro e Paiva, centro de interpretação e informação*. ( de C. D. Câmara Municipal, Ed.). Castro Daire.
- Cullen, G. (2006). *Paisagem Urbana* (12th ed.). Edições 70.
- Girão, A. de A. (1940). *Montemuro, a mais desconhecida serra de Portugal*. Coimbra: Coimbra Editora.
- INE - Censos 2011 Resultados Definitivos. (2011). Retrieved February 1, 2020, from <http://mapas.ine.pt/map.phtml>
- Jodidio, P. (2015). *100 Contemporary Wood Buildings* (Taschen). Taschen.
- Lynch, K. (2009). *A Imagem da Cidade* (10th ed.). Edições 70.
- Magalhães, M. R. (2001). *A Arquitectura Paisagista - Morfologia e complexidade* (Editorial). Editorial Estampa.
- Saieh, N. (2010). ArchDaily - Update: Metropol Parasol / J. Mayer H. Architects. Retrieved August 20, 2020, from [https://www.archdaily.com/97661/update-metropol-parasol-j-mayer-h-architects?ad\\_medium=widget&ad\\_name=recommendation](https://www.archdaily.com/97661/update-metropol-parasol-j-mayer-h-architects?ad_medium=widget&ad_name=recommendation)

Sundseth, K. (2010). *Natura 2000 na Região Mediterrânica*. (Comissão Europeia, Ed.) (Susanne We). Susanne Wegefelt, Comissão Europeia. <https://doi.org/10.2779/17826>

Vieria, A. A. B. (2008). *Serra de Montemuro: dinâmicas geomorfológicas, evolução da paisagem e património natural*. Universidade de Coimbra.

## **Lista de *web-sites* consultados**

Net 1|. (1971). Retrieved January 24, 2020, from <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/conversa-em-familia-14/>

Net2|. (2018). Retrieved January 20, 2020, from <https://sicnoticias.pt/pais/2018-02-26-Grupo-de-autarcas-reitores-e-empresarios-quer-combater-desertificacao-do-interior>

Net 3|. (2020). Retrieved February 2, 2020, from <http://www.aldeiasportugal.pt/sobre/59/?page=3#.XjYkz2j7S00>

Net 4|. (2006). Retrieved September 19, 2020, from [https://it.wikipedia.org/wiki/File:Rio\\_Paiva\\_em\\_Alvarenga.jpg](https://it.wikipedia.org/wiki/File:Rio_Paiva_em_Alvarenga.jpg)

Net 5|. (2020). Retrieved June 28, 2020, from [https://natura2000.eea.europa.eu/?query=Natura2000Sites\\_9883\\_0%2CSITECODE%2CPTCON0059&fbclid=IwAR2fdIkhLuSftqrSEemZYC-\\_2I2JL9EHOykHExF8PaW4CVms77sBPPRzUQ8](https://natura2000.eea.europa.eu/?query=Natura2000Sites_9883_0%2CSITECODE%2CPTCON0059&fbclid=IwAR2fdIkhLuSftqrSEemZYC-_2I2JL9EHOykHExF8PaW4CVms77sBPPRzUQ8)

Net 6|. (2020). Retrieved June 28, 2020, from [https://www.riopaiva.org/rio-paiva/?fbclid=IwAR2fdIkhLuSftqrSEemZYC-\\_2I2JL9EHOykHExF8PaW4CVms77sBPPRzUQ8](https://www.riopaiva.org/rio-paiva/?fbclid=IwAR2fdIkhLuSftqrSEemZYC-_2I2JL9EHOykHExF8PaW4CVms77sBPPRzUQ8)

Net 7|. (2020). Retrieved February 20, 2020, from <http://montanhasmagicas.infoportugal.info/en/where-go/landscape-highlights/lugares-de-natureza-magica/filveda-waterfall/>

Net 8|. (2020). Retrieved February 20, 2020, from <https://contramapa.com/category/portugal/norte/>

Net 9|. (2020). Retrieved February 20, 2020, from <http://beiraalta-castrodaire.blogspot.com/>

Net 10|. (2020). Retrieved February 20, 2020, from <https://mapio.net/a/114375287/?lang=pt>

Net 11|. (2014). Retrieved July 18, 2020, from <https://www.scmcastrodaire.com/about-us>

Net 12|. (2020). Retrieved July 31, 2020, from <https://turismo.cm-cinfaes.pt/visitar/historico/item/7-muralha-das-portas-do-montemuro>

Net 13|. (2020). Retrieved July 31, 2020, from <http://www.transumanciastrodaire.com/a-regiao/>

Net 14|. (2020). Retrieved June 28, 2020, from [https://www.cm-castrodaire.pt/index.php?option=com\\_content&view=article&id=134&Itemid=169&showall=1&fbclid=IwAR0bu4c-Teet3f60ovgQMYwwopFpWLnTJaXIOXd9f7TlyKDXNCvJVLK68jM](https://www.cm-castrodaire.pt/index.php?option=com_content&view=article&id=134&Itemid=169&showall=1&fbclid=IwAR0bu4c-Teet3f60ovgQMYwwopFpWLnTJaXIOXd9f7TlyKDXNCvJVLK68jM)

Net 15|. (2020). Retrieved June 5, 2020, from <https://www.culturanorte.gov.pt/areas-de-intervencao/patrimonio-cultural/>

- Net 16 | . (2020). Retrieved February 20, 2020, from <https://mapio.net/pic/p-130559456/>
- Net 17 | . (2018). Retrieved February 20, 2020, from <https://www.espiritovianjante.com/visitar-castro-daie-dicas-roteiros/capela-das-carrancas-castro-daie/>
- Net 18 | . (2012). Retrieved February 20, 2020, from <http://solaresebrases.blogspot.com/2012/07/palacio-em-castro-daie.html>
- Net 19 | . (2016). Retrieved March 3, 2020, from <http://anibalcavacosilva.arquivo.presidencia.pt/?!dc=10&idi=67199>
- Net 20 | . (2020). Retrieved April 24, 2020, from <https://pt.weatherspark.com/y/32879/Clima-característico-em-Castro-Daire-Portugal-durante-o-ano>
- Net 21 | . (2020). Retrieved August 20, 2020, from <https://www.tudosobresevilla.com/setas-sevilla>
- Net 22 | . (2020). Retrieved August 25, 2020, from <https://setasdesevilla.com/mirador-setas-sevilla/>
- Net 23 | . (2020). Retrieved August 23, 2020, from <https://architizer.com/projects/praca-de-lisboa/>
- Net 24 | . (2020). Retrieved August 23, 2020, from <https://www.designboom.com/architecture/balonas-and-menano-architects-design-an-urban-garden/>

## **Anexos**

Peças desenhadas do Projeto

# Peças Desenhadas

LA – Levantamento Arquitetónico | EP – Estudo Prévio

<b>ARQ_LA_01   Planta de Localização</b>	<b>1:2000</b>
<b>ARQ_LA_02   Planta de Coberturas</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_LA_03   Planta de Levantamento</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_LA_04   Alçados Sul e Oeste</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_LA_05   Perfil Longitudinal 1</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_LA_06   Perfis Transversais 1 e 2</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_LA_07   Perfis Transversais 3 e 4</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_EP_01   Planta de Localização da Proposta</b>	
<b>ARQ_EP_01   Planta de Localização da Proposta</b>	<b>1:2000</b>
<b>ARQ_EP_02   Planta de Coberturas da Proposta</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_EP_03   Planta Piso 0 da Proposta</b>	<b>1:200</b>
<b>ARQ_EP_04   Alçado Oeste</b>	<b>1:100</b>
<b>ARQ_EP_05   Alçado Sul</b>	<b>1:100</b>
<b>ARQ_EP_06   Perfil Longitudinal da Proposta</b>	<b>1:100</b>
<b>ARQ_EP_07   Perfil Transversal 1</b>	<b>1:100</b>
<b>ARQ_EP_08   Perfil Transversal 2</b>	<b>1:100</b>
<b>ARQ_EP_09   Perfil Transversal 3</b>	<b>1:100</b>
<b>ARQ_EP_10   Perfil Transversal 4</b>	<b>1:100</b>